



Conferência Internacional *Literatura de Mulheres: Memórias,
Periferias e Resistências no Atlântico Afro-Luso-Brasileiro*

4-6 de setembro 2024

NOVA FCSH – Colégio Almada Negreiros, Lisboa

Caderno de Resumos

Conferência Internacional *Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Afro-Luso-Brasileiro*. Caderno de Resumos.

Coordenação

Margarida Rendeiro
Susan de Oliveira
Célia Cordeiro
Federica Lupati
Hilarino da Luz
Noemi Alfieri
Ana Aires e Castro

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa | Portugal
E-mail: cham@fcsh.unl.pt
Website: www.cham.fcsh.unl.pt

ISBN

978-989-8492-98-2

Local e data de publicação

Lisboa, Junho de 2024

Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., no âmbito do projecto “WomenLit - Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro” (PTDC/LLT-LES/0858/2021) e do projecto estratégico do CHAM, NOVA FCSH / UAc (UIDB/04666/2020 e UIDP/04666/2020).

© Autores



Esta é uma publicação em acesso aberto, distribuída sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Comissão Organizadora

Margarida Rendeiro (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Susan de Oliveira (UFSC, Brasil)
Célia Cordeiro (Universidade dos Açores, CHAM)
Federica Lupati (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Hilarino da Luz (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Noemi Alfieri (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Ana Aires e Castro (FLUL / *WomenLit*)

Comissão Científica

Ana Mafalda Leite (CEsA / FLUL)
Ana Margarida Martins (University of Exeter)
Ana Maria Martinho (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Ana Paula Tavares (FLUL)
Ana Raquel Fernandes (Universidade Europeia | CEAUL/ULICES)
Catarina Martins (FLUC)
Célia Cármen Cordeiro (Universidade dos Açores, CHAM)
Claire Williams (University of Oxford)
Doris Wieser (CLP-UC)
Esperança Ferraz (FaArtes, UNILUANDA)
Federica Lupati (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Geni Mendes de Brito (CLP-UC)
Hilarino da Luz (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Inês Cordeiro Dias (University of Leeds)
Inês Nascimento Rodrigues (CES)
Inocência Mata (CeComp /FLUL)
Luana Barossi (UFSC)
Luca Fazzini (CeComp /FL-UL)
Margarida Rendeiro (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Noemi Alfieri (CHAM, NOVA FCSH / UAc)
Patrícia Martinho Ferreira (Brown University)
Regina Dalcastagnè (Universidade de Brasília)
Rita Chaves (USP)
Sandra Sousa (University of Central Florida)
Sheila Khan (UTAD / CICANT – Universidade Lusófona / Universidade do Minho)
Susan de Oliveira (UFSC)
Teresa Manjate (Universidade Eduardo Mondlane / Centro de Estudos Africanos)
Trudruá Dorrico Macuxi (Universidade Federal de Roraima)
Vera Duarte (Academia Cabo-Verdiana de Letras)

Índice

A - Conferencistas Convidadas	11
<i>Sombras da violência: entre as cicatrizes coloniais e os ecos da tradição</i>	11
Inocência Mata	11
<i>Entre a História e a Literatura: memórias de resistência no “espaço africano”. Descolonizar o espaço universitário?”</i>	11
Patrícia Godinho Gomes	11
<i>Literatura Indígena Contemporânea: Mulheres indígenas, autoria, eixos teóricos</i>	12
Trudruá Dorrico Makuxi (Julie Stefane Dorrico Peres)	12
B - A escrita como ferramenta contra o estigma	13
<i>Mesa-Redonda com Carla Isabel Menezes e Olga Mariano</i>	13
C – Comunicações	13
1. <i>Weiyamî: Mulheres que fazem sol. A obra de Sony Ferseck e Georgina Sarmiento em diálogo com um projeto de decolonização do museu na Itália</i>	13
Alessia di Eugenio	13
2. <i>Memória e Ancestralidade no Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus</i>	14
Algemira de Macêdo Mendes	14
Josilene dos Santos Sousa	14
3. <i>Para acordá-los dos seus sonhos injustos: a escrevivência de Conceição Evaristo</i>	14
Amanda Tavares	14
4. <i>A Bagagem da Imigração, de Patrícia Moreira: lutas e descobertas de uma mulher cabo-verdiana em Marselha</i>	15
Ana Aires e Castro	15
5. <i>Literatura e Memória: reescrevendo a identidade e a representatividade negra</i>	15
Ana Urquiza	15
6. <i>Escrever nas linhas do arco-íris: aparições ténues em Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves</i>	16
Ana Margarida Dias Martins	16

7. <i>A literatura e a memória: realidade e ficção nos contos de Hélia Correia e Nélida Piñon</i>	16
Ana Raquel Fernandes	16
8. <i>Sobre a deslocação das árvores: Memória e Narrativa Femininas na Guiné-Bissau do Século XXI</i>	17
Ana Rita Reis	17
9. <i>Irmandade da Palavra & Nossos sóis. Ativismo, reconhecimento ancestral e construção comunitária</i>	17
Ariadne Santos	17
10. <i>Dismantling Patriarchal Hegemony and Neoliberal Authorship. Creativity and/as Care in the Work of Patricia Portela and Joana Bértholo</i>	18
Carlos Garrido Castellano	18
11. <i>As mulheres como “contra-viajantes”: o caso de Alexandra Lucas Coelho</i>	18
Catarina Nunes de Almeida	18
12. <i>Cathartic Corporeality in Notebook of Colonial Memories, by Isabela Figueiredo</i>	19
Célia Cármen Cordeiro	19
13. <i>Entre-lugares temporais e espaciais: as identidades e a escrita feminina em Um preto muito português, de Telma Tvon</i>	19
Cheikh Ahmed Tidiane Niasse	19
14. <i>Biographical Reflections: Various Versions of Eufrásia Teixeira Leite in Contemporary Brazilian Fiction</i>	20
Claire Williams	20
15. <i>Representações de violência e de resistência em O Vento Assobiando nas Gruas de Lídia Jorge.</i>	21
Conceição Brandão	21
16. <i>Trânsitos identitários entre margens atlânticas: uma leitura de As Telefones, de Djaimilia Pereira de Almeida</i>	21
Danielle Duque Baracho	21
17. <i>Estratégias de resistência e resiliência em Misericórdia de Lídia Jorge</i>	22
Dora Gago	22
18. <i>O retrato feminino de Luanda em Essa Dama Bate Bué!</i>	22
Elena Soressi	22
19. <i>Recontando a história: O Som do Rugido da Onça</i>	23

Elizabeth Olegário _____	23
20. <i>Muhatu - Angola's Poetry Slam and Mentoring Program for Women - Resistance and Heritage through the Power of Word and Community</i> _____	23
ElisRita (Elisângela Rita) _____	23
21. <i>A incidência recreativa da mulher na escrita literária do Spoken Word em Angola: a sua participação no Slam Muhatu 2023</i> _____	24
Esperança Madalena Lueca Ferraz _____	24
22. <i>Deconstructing the West: Reading Brazilian Indigenous Women Authors through Ane Kethleen Pataxó's Tecendo histórias do meu lugar</i> _____	24
Federica Lupati _____	24
23. <i>Resistências em torno dos versos de Paulina Chiziane e de Elisabete Nascimento</i> _____	25
Fernanda Oliveira da Silva _____	25
24. <i>"Hoje sou uma menina do Sudão". Um grito pelo direito a igualdade, a liberdade e a dignidade na escrita de Dina Salústio em Uma menina de cristal e outras crônicas</i> _____	25
Geni Mendes de Brito _____	25
25. <i>Escrevivências amefricanas: a poesia feminina migrante entre o pessoal e político</i> _____	26
Gessica Correia Borges _____	26
26. <i>A Postcolonial Reading of Carolina Maria de Jesus's Child of the Dark and its Turkish Translation Çöplük</i> _____	26
Güneş Yamanoğlu _____	26
27. <i>Memória, resistência e decolonialidade em Vera Duarte</i> _____	27
Hilarino da Luz _____	27
28. <i>Narrativas espectrais: fantasmas (pós)coloniais em São Tomé e Príncipe</i> _____	28
Inês Nascimento Rodrigues _____	28
29. <i>Memória atlântica e evocação Índica: o memorialismo anticolonial de Sacuntala de Miranda</i> _____	28
Isabel A. Ferreira Gould _____	28
30. <i>O imaginário liberta: o romance histórico na luta decolonial brasileira pela emancipação feminina</i> _____	29
Isabela Vince Esgalha Fernandes _____	29

31. <i>A migração judaica para o Brasil na literatura pseudoautobiográfica de Elisa Lispector</i>	29
Ivana Librici	29
32. <i>Estar no Redemoinho: Jarid Arraes e as bordas da memória</i>	30
Janniny G. Kierniew	30
33. <i>«Sempre pela metade»: o silêncio feminino como mecanismo de defesa em Veromar, de Dina Salústio</i>	30
João Oliveira	30
34. <i>A expressão artística feminina e periférica: uma análise do Slam Poetry de Meimei Bastos</i>	31
Joyce Helen Neves	31
35. <i>O projeto decolonial de Sangria: potencialidades de um corpo-útero-poesia</i>	31
Karine Aragão	31
36. <i>Apagamento e construção da memória em Dina Salústio: uma análise das violências nas infâncias</i>	32
Katria Gabrieli Fagundes Galassi	32
37. <i>A poesia anticolonial de autoria feminina: além da nação africana</i>	32
Lanie Millar	32
38. <i>Representações de personae negras em textos poéticos: literatura afro-luso-brasileira e culturas contemporâneas</i>	33
Lilian do Rocio Borba	33
39. <i>Análise das representações das mulheres negras nas telenovelas brasileiras</i>	33
Lívia Sampaio	33
40. <i>“As viciadas”: retratos do lesboerotismo em Ercília Nogueira Cobra e Chrysanthème</i>	34
Luana Barossi	34
41. <i>O silêncio torna-se poesia: construindo uma geografia de autoras invisibilizadas a partir da experiência da Livraria das Insurgentes</i>	34
Luana Loria	34
42. <i>Memórias do corpo-mercadoria: prisões, prostituições, escrita e testemunho</i>	35
Luca Fazzini	35
43. <i>O corpo-memória: doença e fantasmagoria nas personagens femininas de Djaimilia Pereira de Almeida</i>	36

Luciana Martínez _____	36
44. Visibilidade e Representação no Espaço Público: Os Lambe-Lambes do Coletivo Feminicidade _____	36
Maëlle Karl _____	36
45. A preservação da memória e a construção da narrativa anti-hegemônica no conto “Os donos das terras das águas do mar” de Celinha _____	37
Magdalena Walczuk _____	37
46. Território, imigração e literatura: mulheres estrangeiras fazem a nova literatura portuguesa _____	37
Manuella Bezerra de Melo _____	37
47. Maria Firmina dos Reis e Igiaba Scego: identidades pós-coloniais e decoloniais no tempo e no espaço _____	38
Manuela Magalhães _____	38
48. O affective repertoire de Rísia e a mudez de Macabéa: laços que a Língua Portuguesa (des)faz em A Hora da Estrela, de Clarice Lispector e As Mulheres de Tijucopapo, de Marilene Felinto _____	38
Márcia Fanti Negri _____	38
49. Não em nome do pai. Desconstruindo as paternidades da memória na escrita das mulheres afrodescendentes. _____	39
Margarida Rendeiro _____	39
50. Exotismo e estigmatização da bissexualidade e da masculinidade lésbica nas ficções de Cassandra Rios _____	39
Mariacristina Migliore _____	39
51. As relações de poder e de gênero: diálogos entre literatura africana e literatura amazônica _____	40
Maria Ivonete Coutinho da Silva _____	40
52. Os memoráveis, metáforas da busca de felicidade _____	40
Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva _____	40
53. A memória e vivência colonial na obra Percursos (do Luachimo ao Luena) de Wanda Ramos _____	41
Mariana Branco _____	41
54. O Diário da Revolução: a narrativa performática de Maria Isabel Silveira (1880 – 1965) _____	41
Mariana Dinis Mendes _____	41

55. “Você tem todos os dentes?” – Uma reflexão sobre a persistência do pensamento escravocrata presente no discurso brasileiro contemporâneo	42
Maxçuny Alves Neves da Silva	42
56. A violência de gênero na literatura colonial portuguesa: breves reflexões	42
Melquisedeque Muniz de Melo	42
57. Slams de poesia no feminino: rimas dos PALOP	43
Miriane Peregrino	43
58. Mulheres negras, corpos dissidentes e sexualidade em Conceição Evaristo e Jarid Arraes	43
Naylane Araújo Matos	43
59. Writing (In)Migration: Language, Challenges, Conflicts	44
Noemi Alfieri	44
60. Memórias do mar aberto: Medeia conta sua história, de Consuelo de Castro, e Medeia, de Eurípides, resistência e ruptura	44
Orlando Luiz de Araújo	44
61. O som da violência doméstica em contos lusófonos escritos por mulheres	45
Patrícia Martinho Ferreira	45
62. À distância: o “terceiro espaço” e todos os outros espaços em As Telefones, de Djaimilia Pereira de Almeida	45
Paulina Junko	45
63. A mulher brasileira imigrante em Portugal: um olhar com enfoque na interseccionalidade	46
Priscila Turra	46
64. Entre perdas e buscas: o retorno à “Mãe África” nas escritas de Yara Nakahanda Monteiro e Djaimilia Pereira de Almeida	46
Rafaella Teotônio	46
65. Identidades transdiaspóricas – Vozes literárias das escritoras africanas e afrodescendentes na Península Ibérica	47
Renata Diaz-Szmidt	47
66. Representatividade feminina na literatura de cordel: entre musas e autoras	47
Sabrinne Cordeiro Barbosa da Silva	47
67. Violências e Resistência em Periferia de Catarina Costa	48
Sandra Sousa	48

68. <i>As mãos e os olhares de mulher que mapeiam a invisibilidade pós-colonial em Djaimilia Pereira de Almeida</i>	49
Sheila Khan	49
69. <i>Vozes decoloniais: Memória e resistência na poesia de Conceição Evaristo e Roberta Tavares</i>	49
Silvana Maria Pantoja dos Santos	49
Elen Karla Sousa da Silva	49
70. <i>Mulherio das Letras: Vozes e memórias em profusão</i>	50
Susan de Oliveira	50
71. <i>cabelo que convenha à minha alma — Maria Velho da Costa e o significa[n]te do corpo desmanchado</i>	50
Susana Vieira	50
72. <i>Identidade e desenraizamento em O Canto da Moreia, de Luísa Semedo</i>	51
Susete Albino	51
73. <i>Literatura, mulheres, memórias e imaginários</i>	51
Teresa Manjate	51
74. <i>“Irmã(s), a nossa conversa é longa”: laços de resistência e memória na poesia de Alda do Espírito Santo e Lubi Prates</i>	52
Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos	52
Beatriz Moraes de Abreu	52
75. <i>A morte na raiz do lirismo: a função ritualista da voz poética de Conceição Lima</i>	52
Vera Borges	52
76. <i>Invisibilização, anti-ciganismo e ativismo: a literatura romani (cigana) escrita por mulheres</i>	53
Voria Stefanovsky (Ana Paula Castello Branco Soria)	53

A - Conferencistas Convidadas

Sombras da violência: entre as cicatrizes coloniais e os ecos da tradição

Inocência Mata

FLUL / CECComp

ORCID ID: [0000-0001-8648-0954](https://orcid.org/0000-0001-8648-0954)

Desde os primórdios da literatura africana (um singular generalizante), a Mulher tem sido uma presença constante na construção da identidade, aparecendo tanto como objeto de amor romântico, de fascínio nativista, de desejo e prazer, quanto como sujeito marcado pela diferença. Na produção poética anticolonial, a mulher assumiu o *status* de símbolo, carregando imperativos ideológicos que não deixavam espaço para a expressão individual, muito menos para o “saber-sentir”, a dimensão que consagra o cultural, uma vez que o coletivo *Nós* se sobrepunha ao individual *Eu*, também cerceado pelos meandros da tradição, mesmo na poesia de autoria feminina (Mata, 2007). Embora moldadas por intenções reivindicativas da escrita, as representações do sujeito feminino estavam tão ligadas à *terra* (e seus elementos), à *nação* (com sua significação política de pátria aprisionada) e à comunidade transnacional (o continente africano e à sua diáspora), que se pode afirmar que esse sujeito feminino nunca se realizou plenamente, devido à dimensão reificante com que era retratado. O *locus* da enunciação ainda sanciona, contemporaneamente, a naturalização de hierarquias, quer epistêmicas e culturais quer de classe, mantendo, portanto, uma “colonialidade de poder” (aqui no seu amplo sentido), que persiste além do colonialismo e se vem adaptando aos ditames da tradição.

Nesta reflexão, pretendo examinar as configurações de gênero, antigas e atuais, representadas na literatura africana de língua portuguesa, buscando revelar, em cada momento histórico, as suas significações e projeções ideológicas..

Entre a História e a Literatura: memórias de resistência no “espaço africano”. Descolonizar o espaço universitário?”

Patrícia Godinho Gomes

CODESRIA - Council for the Development of Social Science Research in Africa

ORCID ID: [0000-0003-0726-1206](https://orcid.org/0000-0003-0726-1206)

A literatura feminina, entendendo-a como sendo a produção literária efetuada por mulheres, teve um desenvolvimento significativo no continente africano somente a partir dos anos 1970, tendo esse atraso sido consequência, entre outros fatores, de uma escolarização tardia e deficitária e, por conseguinte, de uma frágil formação superior. Paralelamente, a independência dos países africanos favoreceu, com as devidas

diferenças culturais e sociopolíticas, a emergência de uma geração de mulheres engajadas com as questões sociais e com a condição das mulheres; a literatura tornou-se, progressivamente, um instrumento ao serviço das mulheres intelectuais para denunciar os males da sociedade e os seus desafios (poderão ser citadas os exemplos da senegalesa Mariama Bâ, da moçambicana Paulina Chiziane ou da nigeriana Buchi Emecheta). Este constituiu o início da “ocupação do espaço público” pelas mulheres através da literatura na era pós-independência. A partir desta reflexão de carácter histórico, a comunicação tem por finalidade discutir a produção literária de mulheres africanas pertencentes a uma mais recente geração de escritoras. Mais especificamente, o meu propósito é o de refletir sobre as principais temáticas abordadas (pautas sociais), o seu valor pedagógico e o significado enquanto espaço de liberdade de expressão (com força política) , no sentido da inclusão dos setores mais desfavorecidos. A comunicação trará para o debate uma experiência recente no espaço universitário, a partir de uma universidade pública brasileira (grupo de leitura Lidas e Vidas), a UFBA. É possível descolonizar o espaço universitário através da literatura feminina?

Literatura Indígena Contemporânea: Mulheres indígenas, autoria, eixos teóricos

Trudruá Dorrico Makuxi (Julie Stefane Dorrico Peres)

Universidade Federal de Roraima

ORCID ID: [0000-0002-5428-2432](https://orcid.org/0000-0002-5428-2432)

A literatura indígena contemporânea – nome utilizado coletivamente pelo movimento de autores de origem indígena em Abya Yala – no Brasil, registra a primeira poeta mulher Eliane Potiguara, cujos poemas eram exibidos na década de 1970, no suporte de pôsteres, em assembleias políticas que lutavam contra o princípio da integração indigenista e o direito à plena cidadania, resguardadas as identidades de povo co-existentes no território brasileiro.

Graça Graúna, também poeta do povo Potiguara, em sua tese, questiona a gradação da identidade indígena dos que habitam na cidade, possibilitando fazermos a importante indagação sobre a presença da mulher indígena na sociedade brasileira e no mercado editorial. Também Márcia Kambeba, poeta de origem Omágua/Kambeba publica seus versos, recrudescendo esse questionamento. A partir da leitura e do estudo das obras de mulheres indígenas, organizei a antologia *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*, junto ao Maurício Negro que assina também a ilustração, para incentivar que os leitores brasileiros a, por meio dos textos criativos, acessarem os eixos que discute a autoria indígena, tais como identidade, nacionalidade, pluralidade de povos e línguas originárias; tempo, espaço, nomes ancestrais; e o fundamental paradigma que comunga todos os povos nativos, natureza como condição *sine qua non* da cultura.

Ademais, Sony Ferseck, Sulamy Katy, Mathilde Makuxi, Insereg Suruí, Moara Tupinambá, Lia Minapoty e minha própria autoria são trazidas para analisarmos distinções narrativas, as lições que suas obras ensinam, sejam de contos ou *panton* ancestrais, de sonhos, da nossa responsabilidade com outros povos, e sobretudo, como se revelam e como afirmamos nossas espiritualidades na contemporaneidade.

B - A escrita como ferramenta contra o estigma

Mesa-Redonda com Carla Isabel Menezes e Olga Mariano

Conversa moderada por Luana Loria

Nesta mesa-redonda, moderada por Luana Loria, Carla Isabel Menezes e Olga Mariano discutem sobre a sua experiência enquanto escritoras e mulheres que transformam as próprias vozes em ferramentas críticas para combater o estigma e os estereótipos sociais. É um debate sobre visibilidades e invisibilidades da escrita no contexto literário português contemporâneo. Carla Isabel Menezes apresenta os seus livros *Carlota*, *Memórias de uma órfã* e *Filha do Sistema*. As três narrativas autobiográficas abordam a sua experiência como consumidora de substâncias psicoativas, como criança órfã, reclusa e paciente num centro de recuperação. Olga Mariano, mediadora sociocultural, escritora e ativista cigana, apresenta o seu livro de poesia *Pedaços de Mim*, para falar sobre a condição e a voz da mulher cigana na literatura portuguesa.

C – Comunicações

1. *Weiyamî: Mulheres que fazem sol*. A obra de Sony Ferseck e Georgina Sarmento em diálogo com um projeto de decolonização do museu na Itália

Alessia di Eugenio

Universidade de Bolonha

ORCID ID: [0000-0002-5648-2438](https://orcid.org/0000-0002-5648-2438)

Em 2022 a Wei, editora independente do estado de Roraima (Brasil), publicou o texto *Weiyamî: mulheres que fazem sol*, de autoria da poeta Sony Ferseck e com ilustrações de Georgina Sarmento, ambas pertencentes ao povo Macuxi de Roraima. O livro traz um encanto notável, permitindo às leitoras transitar entre poemas em versos livres e imagens que misturam pintura, costura, tecidos e diferentes materiais. As mulheres, os corpos gordos, as interconexões entre esses corpos femininos são os protagonistas da cena e da palavra, numa dimensão material, poética e espiritual. “Reencontro” poderia ser um dos temas-fulcro da obra, que inclui também aquele com os que já faleceram ou encantaram. A potente interconexão entre imagem e palavra poética, a vocalização de uma perspectiva indígena feminina, a escolha de explicitar as fontes de pesquisa que se tornaram material poético e o tema do “reencontro” dialogam proficuamente com algumas perspectivas discutidas pelo grupo de pesquisa “Patrimônios indígenas, musealização e decolonialidade” de que Sony Ferseck também faz parte. Criado, em 2023, na Universidade de Bolonha, o grupo planeja co-construir uma exposição sobre (alguns) patrimônios indígenas do Brasil, em 2025, no Museu de Modena, em colaboração com artistas e autoras indígenas. Neste contexto, a presente comunicação propõe uma leitura da obra de Sony Ferseck e Georgina Sarmento, salientando os aspetos que contribuem para a discussão sobre a contribuição da literatura indígena nos percursos de descolonização do espaço do museu (na Europa).

2. Memória e Ancestralidade no *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus

Algemira de Macêdo Mendes

UEMA / UESPI / CNPq

ORCID ID: [0000-0002-9253-7088](https://orcid.org/0000-0002-9253-7088)

Josilene dos Santos Sousa

PPGLETRAS / UEMA

ORCID ID: [0000-0002-9701-6775](https://orcid.org/0000-0002-9701-6775)

Este trabalho tem por finalidade analisar a obra de Carolina Maria de Jesus intitulada *Diário de Bitita* (1986), que será discutida sob a perspectiva da memória e da ancestralidade, já que a narrativa é de cunho autobiográfico. A voz enunciativa apresenta relatos de vida e denúncias da desigualdade social e econômica. Utilizaremos, para pensarmos sobre a memória na obra, os estudos de Evaristo(2008); Miranda (2019); Fernandez (2015); Halbwachs (1990); Izquierdo (2018); Pollak (1992) e Ribeiro (2010); além disso, sobre a questão da ancestralidade, discutiremos a partir das contribuições de Matheus Gato (2020); Leda Martins (2021) e Oliveira (2007), dentre outros. Para tanto, enfocaremos também as assimetrias acerca da mulher afro-brasileira, principalmente nas relações do trabalho doméstico como parte de alguns dos elementos discursivos que caracterizam a riqueza da obra, permitindo ao leitor estabelecer um olhar crítico sobre o universo narrativo autobiográfico de Carolina Maria de Jesus no século XX.

3. *Para acordá-los dos seus sonhos injustos: a escrevivência de Conceição Evaristo*

Amanda Tavares

UERJ

ORCID ID: [0000-0003-1653-1060](https://orcid.org/0000-0003-1653-1060)

Conceição Evaristo (1946, Belo Horizonte, Brasil) é escritora e ativista afro-brasileira, reconhecida por sua obra literária que aborda questões de gênero, raça e classe social. Sua notoriedade associa-se também à popularização do conceito de "escrevivência", cunhado por ela: uma fusão entre escrita e vivência, que destaca a importância de narrativas baseadas nas experiências reais e cotidianas dos afrodescendentes, contribuindo significativamente para a diversidade literária e para o reconhecimento das vozes marginalizadas na literatura contemporânea do Brasil, ampliando e complexificando também os debates em torno de uma dita cultura popular. É o seu conceito que nos servirá de guia para adentrar esses debates e os personagens e histórias que povoam a literatura da autora. Com seus romances, contos e ensaios, Evaristo tornou-se uma personalidade influente no cenário literário global, inspirando não apenas leitores, mas também escritores e artistas a explorar a riqueza e diversidade cultural brasileira, especialmente aquela que emerge das experiências de pessoas racializadas e dos embates por elas vividos.

4. A *Bagagem da Imigração*, de Patrícia Moreira: lutas e descobertas de uma mulher cabo-verdiana em Marselha

Ana Aires e Castro

FLUL | CHAM, NOVA FCSH / UAc (*WomenLit*)

ORCID ID: [0009-0001-8467-4138](https://orcid.org/0009-0001-8467-4138)

Esta comunicação propõe-se a estudar a mais recente obra da escritora luso-cabo-verdiana Patrícia Moreira, intitulada *A Bagagem da Imigração* (2023). Através da figura da sua protagonista, Ayana, pretendemos fazer algumas considerações sobre a representação da mulher negra imigrante, assim como perceber que estratégias usa para sobreviver e, eventualmente, prosperar num país europeu que não a considera na sua individualidade, nem tão pouco reconhece a sua cultura cabo-verdiana como válida e legítima em território nacional. Sendo que grande parte da obra decorre em Marselha, França, para além de serem exploradas as dificuldades já acrescidas pelas múltiplas camadas de opressão que se inscrevem no corpo da protagonista – imigrante ilegal, mulher, africana, negra, albina, *queer* –, será feito também um comentário sobre a especificidade da imigração francesa, nomeadamente sobre a lógica de assimilação que ainda prevalece hoje naquele território. Moreira, à semelhança de outras jovens autoras afrodescendentes (ALMEIDA, 2021; ALMEIDA, 2018; SEMEDO, 2019) traz para primeiro plano sujeitos que são invariavelmente excluídos da participação social nos territórios de acolhimento, vendo muitas vezes os seus direitos constitucionais negados por uma sociedade que opera ainda segundo uma lógica imperial e racista. Na literatura, são sujeitos que foram esquecidos e desconsiderados por demasiado tempo e que, narrando agora as próprias experiências, podem significar importantes vetores de resistência e reivindicação para as comunidades a que pertencem.

5. Literatura e Memória: reescrevendo a identidade e a representatividade negra

Ana Urquiza

USP

ORCID ID: [0000-0002-2024-1675](https://orcid.org/0000-0002-2024-1675)

O trabalho analisa romances decoloniais das mulheres negras: a brasileira Conceição Evaristo, a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e a moçambicana Paulina Chiziane – considerando suas condições de produção e circulação no campo social (FOUCAULT, 2008), mediante análise discursiva (BAKHTIN, 2003) na dimensão política das instâncias sociais que incidem sobre a linguagem – a fim de encontrar o *locus* da periferia e do discurso antirracista e ideologias que marcam a resistência em narrativas de mulheres negras periféricas de países transatlânticos. A metodologia da análise do discurso (ORLANDI, 1999) permite-nos questionar se a escrita no lugar de fala pode funcionar como um marcador de estilo e de identidade através da utilização de usos linguísticos característicos do discurso dissidente (KILOMBA, 2022; HOOKS, 2021). O estilo das autoras traz crítica ao colonialismo e ao patriarcado em um léxico que marca fatores orientadores da prática formativa e educativa visando à ação social, política, cultural e de identidade (RIBEIRO, 2019). A semântica é marcada por palavras e expressões de objetificação e silenciamento da mulher negra, da colonização e do lugar de poder no/do

discurso, da marginalização de corpos (CHAUI, 2011), vozes e identidades (MBEMBE, 2018).

6. Escrever nas linhas do arco-íris: aparições ténues em Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves

Ana Margarida Dias Martins

Universidade de Exeter

ORCID ID: [0000-0002-4860-6269](https://orcid.org/0000-0002-4860-6269)

Neste estudo, pretendo pensar *com* o arco-íris, com o objetivo de analisar a sua posição insondável enquanto local arquivístico subteorizado do Atlântico Pardo (Almeida 2002). Para isso, traçarei uma série de aparições ténues, mas significativas, do arco-íris na obra literária de três escritoras centrais da literatura brasileira: Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Conceição Evaristo (1946-) e Ana Maria Gonçalves (1970-). Argumento que as suas obras de ficção desafiam, por meio da epistemologia compartilhada do arco-íris, conceptualizações existentes do Atlântico Negro sobre memória e arquivo, bem como percepções comuns de uma estética transatlântica de mobilidade. Defendo que a presença de personagens que perseguem, bordam, olham ou pensam (sobre) o símbolo de Oxumaré complica a relação entre mobilidade, identidade sexual e recordação, relação esta amplamente teorizada em estudos que centralizam os oceanos como condutas de memória. Através de referências ao arco-íris, as histórias de Jesus, Evaristo e Gonçalves reinventam o lugar da memória, questionando radicalmente a possibilidade de alcançar as margens do passado para o reivindicar. Escrever com o arco-íris é estar para sempre a meio de uma jornada mnemónica impossível, mas necessária. Reivindicá-lo, a seis mãos, através da escrita, é meditar sobre a memória transgeracional perante o grande apagamento oficial.

7. A literatura e a memória: realidade e ficção nos contos de Hélia Correia e Nélida Piñon

Ana Raquel Fernandes

Universidade Europeia, Lisboa | CEAUL – Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

ORCID ID: [0000-0002-2905-8404](https://orcid.org/0000-0002-2905-8404)

Em “Denunciar vezes Sete” (*Certas Raízes*, 2023), de Hélia Correia, a revolução do 25 de Abril é motivo de uma reflexão sombria a partir de um meio rural e do ponto de vista do filho do caseiro que viveu a mudança do regime no campo. Por sua vez, em “O Trem” (*A Camisa do Marido*, 2014), de Nélida Piñon, o legado do pai aos seus filhos é diametralmente oposto: a memória é construída por afetos que se traduzem na possibilidade de transformação do real. Ambas as narrativas de Correia e Piñon apresentam como temáticas centrais a reflexão sobre a história pessoal e coletiva, e o papel da memória. No entanto, as estratégias empregues são opostas: um sentimento de ódio assombra a narrativa de Correia ao passo que, no conto de Piñon, o sonho se sobrepõe à realidade.

8. Sobre a deslocação das árvores: Memória e Narrativa Femininas na Guiné-Bissau do Século XXI

Ana Rita Reis

Universidade de Bucareste

ORCID ID: [0000-0001-6141-6948](https://orcid.org/0000-0001-6141-6948)

No âmbito das literaturas africanas produzidas em língua portuguesa, a Guiné-Bissau surge-nos sempre como uma literatura em formação ou de baixa produção. No entanto, desde 1994, conta com um dos poucos projetos editoriais independentes nestes países, a Ku-Si-Mon. É graças a este trabalho que temos acesso a algumas vozes femininas da Guiné, além das que são ou já foram publicadas em Portugal, como Odete Semedo ou Fátima Embaló. Esta apresentação pretende focar-se na curta produção contística de duas autoras publicadas por esta editora, que escrevem e publicam desde a Guiné atual, apesar das difíceis condições e da reduzida circulação. Pese à sua identidade até ao momento desconhecida, Julie Agossa Djomatin e Andrea Fernandes, estabelecem uma coesão temática e dialética entre a memória colonial recente e a memória ancestral dos vários povos que hoje compõem a Guiné. Por serem autoras de contos, ambas recriam uma tensão narrativa que questiona desde a periferia o lugar do(s) sentido(s) da escuta no mundo atual, tanto entre as várias divisões – sociais, geográficas, culturais – internas da Guiné-Bissau, como da sua relação complexa com um mundo globalizado.

9. *Irmandade da Palavra & Nossos sóis*. Ativismo, reconhecimento ancestral e construção comunitária

Ariadne Santos

PPG-TLLC-USP / Sapienza Università di Roma

ORCID ID: [0000-0001-7398-8636](https://orcid.org/0000-0001-7398-8636)

Tanto o livro *Irmandade da Palavra – A voz da mulher no Recôncavo* (2019) quanto o *Nossos sóis. As vozes das avós* (2023) são livros cartoneros, elaborados com capas de papelão, pintadas à mão, costuradas de forma artesanal e coletiva. O primeiro foi lançado pela Cartonera das Iaiá, criada em 2018, na cidade de Cachoeira (Bahia); o segundo por Dulcinéia Catadora que, desde 2007, atua na CooperGlicério, cooperativa de recicladoras na região central de São Paulo. Ambas participam de um circuito editorial independente e se definem como editoras cartoneras, seguindo um modo de saber-fazer que começou com Eloísa Cartonera (Argentina), na virada do século XXI, difundindo-se para vários países latino-americanos e, posteriormente, para África e Europa. No Brasil, as editoras cartoneras buscam construir espaços coletivos, desenvolver projetos educacionais e artísticos e colocar em circulação vozes que antes não costumavam ser divulgadas pelos meios tradicionais: exemplo disso são os livros mencionados, os quais foram escritos por mulheres negras. Partindo tanto da dimensão artístico-literária quanto da dimensão ético-política das duas obras citadas e da proposta editorial que as engendram, esta apresentação tem como objetivo debater como as produções e as ações cartoneras

articulam ativismo e literatura como forma de reconhecimento das culturas ancestrais e de criação de vínculos comunitários.

10. Dismantling Patriarchal Hegemony and Neoliberal Authorship. Creativity and/as Care in the Work of Patricia Portela and Joana Bértholo

Carlos Garrido Castellano

University of Cork

ORCID ID: [0000-0002-3979-9193](https://orcid.org/0000-0002-3979-9193)

This paper explores the recent fictional work of Patricia Portela and Joana Bértholo as a productive site for non-patriarchal and non-individualist notions of literary and artistic authorship. Portela and Bértholo are multifaceted cultural producers that share a concern for creative, multimedial experimentation. Engaging with literary texts that refuse easy categorisations—including *Hífen*, *Efeito de Kuleishov*, *Ecologia* and *Inventário do Pó*—, this presentation attempts to analyse how Portela and Bértholo are reconceptualizing the relationship between female authorship and the materialization of alternative and subversive “cultural worlds.” Crucially, this implies an active process of valorising and engaging with feminist genealogies of cultural creativity that advance alternatives to the eternal present and the emphasis on individualism of neoliberalist ideologies. In this paper, my main objective is to examine these “cultural worlds” as radical experiments that go beyond the fictional text and make space for non-productivist, non-individualist, anti-patriarchal socialization.

11. As mulheres como “contra-viajantes”: o caso de Alexandra Lucas Coelho

Catarina Nunes de Almeida

CEComp, FLUL

ORCID ID: [0000-0002-4218-0930](https://orcid.org/0000-0002-4218-0930)

Através das viagens e, sobretudo, através das narrativas que delas resultavam, as mulheres começaram a reivindicar uma certa autoridade cultural, dando testemunho da sua participação na marcha do “progresso” moderno e promovendo, ao mesmo tempo, a iluminação social e moral de outras mulheres. A mulher viajante é, ainda hoje, apresentada como alguém que consegue libertar-se das restrições da sociedade do seu tempo. A viagem continua a oferecer-lhe meios para se redefinir, assumindo uma personalidade diferente, tornando-se alguém que não existia em casa (PRATT, 1992). Embora esta postura tenha frequentemente sido confundida com escapismo e frivolidade, a verdade é que as viajantes contemporâneas continuam a afirmar o valor ético da literatura de viagens. Como Bassnett (2002) refere, as escritoras de viagem estão a produzir textos num tempo marcado já por conceitos como hibridismo ou multiculturalismo, um tempo em que as teorias em torno da raça e da etnia, antes usadas como forma de dividir os povos, começam a desmoronar por força de novos valores na educação.

Em obras como *Oriente Próximo* (2007), *Caderno Afegão* (2009), *Tahir – Os Dias da Revolução* (2011) ou *Líbano, Labirinto* (2021), Alexandra Lucas Coelho afirma, justamente, o valor ético da escrita, inscrevendo a viagem com um sentido de “trabalho”, seja pelas preocupações globais que destaca, seja pela utilização de meios alternativos para pôr em prática aquilo que deseja (Smith 2001). Através deste *corpus*, procurarei identificar as marcas desse olhar vigilante, comprometido com a vida humana e as questões sociais, que tendencialmente (e historicamente) tem caracterizado os relatos de viagem escritos por mulheres.

12. Cathartic Corporeality in *Notebook of Colonial Memories*, by Isabela Figueiredo

Célia Cármen Cordeiro

Universidade dos Açores, CHAM

ORCID ID: [0000-0001-9022-7740](https://orcid.org/0000-0001-9022-7740)

In 1954, the Portuguese government disseminated the Statute of the Portuguese Indigenous of the provinces of Angola, Guinea Bissau, and Mozambique. This population became officially divided into three groups: the Indigenous, the Assimilated, and the Whites. In order to become assimilated, the Indigenous had to know how to read and write in Portuguese, profess Catholicism, and wear appropriate European outfits. Although the law was established to increase the assimilation of the natives into the Portuguese European culture, it did not fully consider the Indigenous people as Portuguese citizens with political rights. Isabela Figueiredo’s autobiography, *Notebook of Colonial Memories* (2009), denounces the extreme racism present in the relationship between the colonizer and the colonized. She was the daughter of a Portuguese white family, who emigrated to the colony of Mozambique in the 1950’s. She got along with all groups of people and even had sexual intercourse with people of the poorest classes, mostly black. Being herself a colonizer, she was also perceived as being a transgressor in the colony. My argument in this paper is two-fold. First, I argue that the writer uses the figure of her father as a representation of the violence of the colonizer, and that makes the process of writing a therapy about the experience of colonization, and her identity’s fragmentation. Using Richard Kearney’s approach, I argue that memory and story cross in mourning, leading to a catharsis that liberates the subject from trauma and opens space to healing through narrative. Second, I claim that cultural memory and identity in the writer’s autobiography are connected, considering that not only gender, but also ethnicity, and race impacted how her body has participated in the process of the reconstruction of memory (TAYLOR, 2003). Consequently, cultural memory is etched on her body weaving her individual history with the history of the Portuguese nation.

13. Entre-lugares temporais e espaciais: as identidades e a escrita feminina em *Um preto muito português*, de Telma Tvon

Cheikh Ahmed Tidiane Niasse

CEComp, FLUL

ORCID ID: [0009-0008-5309-2603](https://orcid.org/0009-0008-5309-2603)

A presente comunicação propõe refletir sobre a desconstrução e a construção das identidades pós-coloniais no romance *Um Preto Muito Português* (2017), de Telma Tvon, fundamentando-se em conceitos teóricos de Margarida Calafate Ribeiro no seu texto “O Sentimento de um(a) Ocidental Declinado no Feminino” em *The Open Veins of the Postcolonial – Afrodescendants and Racisms* (2022), organizado por Inocência Mata e Iolanda Évora. Através da análise do romance, buscamos compreender como as identidades são moldadas, negociadas e também contestadas no tempo e no espaço, especialmente nos "entre-lugares", onde as fronteiras culturais se encontram e se cruzam. Pretendemos examinar a dinâmica das identidades em um contexto pós-colonial, destacando os processos de resistência, reafirmação e de reconstrução cultural. Ao longo da trama, as identidades são delineadas e desafiadas em um processo que não é apenas individual, mas também coletivo, revelando as nuances da assimilação cultural e da luta por uma autenticidade que transcende os limites impostos pela história colonial, tudo isto, visto pela escrita feminina do romance. A questão do gênero aparece aqui na medida em que seja uma produção que fala de Portugal e da África no espaço da escrita, buscando uma identidade através de interrogações da história coletiva ou familiar afrodescendentes (muitas vezes desconhecidas). Por meio das lentes teóricas e da análise textual, a presente comunicação busca desvelar as complexidades da desconstrução e da construção das identidades pós-coloniais, mas também, analisar a problemática do gênero no sentido de explorar uma produção feminina que levanta questionamentos sobre os afrodescendentes. Para tanto, serão convocadas as reflexões teóricas de Amin Maalouf, Cláudia Castelo, Isabel Castro Henriques, Miguel Vale de Almeida e Nadia Yala Kisukidi, entre outros pensadores.

14. Biographical Reflections: Various Versions of Eufrásia Teixeira Leite in Contemporary Brazilian Fiction

Claire Williams

St. Peter's College, University of Oxford

ORCID ID: [0000-0001-9202-3784](https://orcid.org/0000-0001-9202-3784)

Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930) was a Brazilian heiress, investor and philanthropist, the erstwhile fiancée of Abolitionist politician Joaquim Nabuco, and a proto-feminist, whose extraordinary life story has caught the imaginations of multiple Brazilian novelists. Cláudia Lage (2011), Eneida Queiroz (2013), Ana Maria Machado (2015), Mariana Ribeiro (2015) and Luiza Lobo (2023) have each published their own variations of Eufrásia's biography, highlighting different aspects of her character and behaviour and emphasizing the multiple ways in which she challenged the expectations of her society. In my presentation I will compare the literary portrayals with the historical ones by Neusa Fernandes (2012), Miridan Britto Falci and Hildete Pereira de Melo (2021) and José Carlos Vargens Tambasco (2022) to see how the approaches vary and to consider the practicalities of writing the biography of a nineteenth-century Brazilian woman.

15. Representações de violência e de resistência em *O Vento Assobiando nas Gruas* de Lídia Jorge.

Conceição Brandão

ILCML- FLUP

ORCID ID: [0000-0001-8718-0849](https://orcid.org/0000-0001-8718-0849)

Ao mudar o título original do romance, *O Livro de Milene*, para *O Vento Assobiando nas Gruas*, Lídia Jorge estava a acentuar uma mensagem clara, a qual, curiosamente, emerge do próprio ato de efabulação romanesca: a representação de um mundo em transe de metamorfose, um mundo sob o efeito de abalo das transformações resultantes do fluxo da imigração em Portugal, sobretudo de cabo-verdianos, num contexto social e histórico pós-revolucionário e pós-colonial.

De facto, ao assumirmos a expressão adverbial *curiosamente*, situamos a mesma na relação que percebemos existir entre a construção do tecido ficcional do romance e a metáfora da própria grua, enquanto objeto capaz de produzir movimentos de alteração na terra – o que amplificado poderia corresponder também à instabilidade e, portanto, ao *tremor de terra* que implica a adaptação a um novo mundo, onde a miscigenação das raças passa a ser uma realidade. Ainda que uma sociedade pós-colonial, esta não deixa de ser uma sociedade profundamente marcada pelo racismo e pela misoginia – condutores a atos violentos, como a histerectomia de que Milene é vítima indefesa. Em *O Vento Assobiando nas Gruas*, interpelam-se as complexas fronteiras entre *bem* e *mal*, por forma a oferecer às personagens opções, uma *liberdade* só equacionável no tabuleiro da literatura. Ao mal, poderá opor-se a claridade da resistência, abrindo-se uma espécie de intervalo operado pelo combate que se estabelece na palavra literária.

16. Trânsitos identitários entre margens atlânticas: uma leitura de *As Telefones*, de Djaimilia Pereira de Almeida

Danielle Duque Baracho

CEComp, FLUL

ORCID ID: [0009-0003-1426-527X](https://orcid.org/0009-0003-1426-527X)

Diante do notório reconhecimento que Djaimilia Pereira de Almeida tem alcançado nos últimos anos no cenário das literaturas de língua portuguesa, compete-nos ponderar como seria produtivo pensar em sua obra para além de fronteiras nacionais canônicas. Nesse sentido, é oportuno rememorar a proposta teórica que Paul Gilroy defende em *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2001). A partir dessa perspectiva, seria possível ensaiar, com base em outros paradigmas, a possibilidade de novas cartografias literárias, nas quais os movimentos atlânticos, reais e/ou ficcionais, podem servir de referência. Isto, entretanto, sem desconsiderar a mobilidade conceitual e categórica inerente às produções literárias. Face aos trânsitos de corpos e culturas contemporâneos, parece-me, neste âmbito, conveniente convocar *As Telefones* (2020), de Djaimilia Pereira de Almeida, para pensar as tónicas da identidade feminina, da maternidade e das diversas formas de (não)pertencimento. O telefonema como estratégia literária, de modo incomum na literatura de língua portuguesa, reitera o

caráter fluido das identidades, na qual as vozes têm de lidar com a ausência de um corpo físico e de uma realidade geográfica tangível. Assim, ver-se-á como, entrelaçadas por uma dupla consciência, mãe e filha transitam no Atlântico e a narrativa fragmentada serve de instrumento emblemático para as suas múltiplas disrupções.

17. Estratégias de resistência e resiliência em *Misericórdia* de Lídia Jorge

Dora Gago

CHAM, NOVA FCSH / UAc

ORCID ID: [0000-0002-6300-1575](https://orcid.org/0000-0002-6300-1575)

No romance *Misericórdia*, acompanhamos o último ano de vida de D. Alberti, senhora idosa que vive no lar da terceira idade chamado Hotel Paraíso, uma metáfora da nossa sociedade e, simultaneamente um microcosmo para onde confluem personagens marginais devido à sua fragilidade social, como é o caso dos idosos e dos imigrantes que trabalham no lar.

Assim, partindo de um conceito de resiliência entendido como “a habilidade de superar/adaptar-se a uma situação de risco” (MASTEN, 2014), analisaremos as estratégias empreendidas pela protagonista para resistir, num universo marcado por equívocos, discriminação, incompreensões, a instabilidade, a precariedade das relações laborais, declínio, mas também pela importância da atenção e do cuidado ao Outro. Nesta esteira, mobilizando alguns contributos da eco crítica (ex: ALAIMO, 2008; GARRARD, 2004), equacionaremos o modo como o forte vínculo à natureza, aliado ao poder da memória se assume como um alicerce de reconstrução de um “eu” em situação extrema de exílio.

18. O retrato feminino de Luanda em *Essa Dama Bate Bué!*

Elena Soressi

Universidade de Coimbra

ORCID ID: [0000-0003-4455-5537](https://orcid.org/0000-0003-4455-5537)

O romance *Essa Dama Bate Bué!*, de Yara Nakahanda Monteiro, desenrola-se à volta da história de Vitória, uma mulher nascida em Angola, mas crescida em Portugal, que decide regressar ao seu país natal para procurar a sua mãe, Rosa Chitula, uma ex-combatente da luta armada. O primeiro encontro da protagonista com a terra materna realiza-se em Luanda, que é apresentada como repleta de barreiras, que fragmentam o espaço e separam as pessoas, bem como impregnada de música e barulho, que ultrapassam as barreiras e impedem o descanso. A errância da protagonista pela cidade revela um retrato de Luanda constituído pelo encontro e desencontro no espaço urbano de personagens, sons e vozes, sobretudo femininas. Ao conhecer Luanda, Vitória encontra uma cidade contraditória e viva, caracterizada pelo barulho e pelo silêncio, pela desigualdade social e pela resistência, uma cidade que, junto com as suas mulheres, nunca parou de lutar. Partindo da abordagem teórica das Materialidades da Literatura, com um foco sobre as vozes, os sons e os silêncios, esta comunicação analisa a forma como a narração do romance materializa a cidade de Luanda no feminino, tornando-a a “dama que bate bué”, uma combatente ao lado das mulheres que nela habitam.

19. Recontando a história: *O Som do Rugido da Onça*

Elizabeth Olegário

CHAM, NOVA FCSH / UAc

ORCID ID: [0000-0002-3718-2966](https://orcid.org/0000-0002-3718-2966)

Este artigo visa analisar *O Som do Rugido da Onça* (Companhia das Letras, 2021) romance historiográfico da escritora brasileira Micheliny Verunsch. A obra reconstrói ficcionalmente a expedição do botânico Johann Baptist von Spix, considerado um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil, especialmente a região da Amazônia. E do botânico Carl Friedrich von Martius que o acompanhou na viagem. Realizada em 1917, a expedição compunha a missão artística Austro-Alemã que acompanhava a princesa Maria Leopoldina de Áustria. O objetivo da expedição era descrever a fauna e flora brasileira. A viagem terminou em 1820, e levou para Alemanha quatro crianças indígenas e cerca de 9 mil espécies de plantas e animais dentre eles: mamíferos, aves e anfíbios. Das quatro crianças sequestradas, apenas duas sobreviveram. *O Som do Rugido da Onça* ilumina a história do sequestro das crianças e narra a história de *Iñe-e* e *Juri*. Ficção e história cruzam-se. As línguas indígenas foram proibidas no século XIX. No romance, Micheliny Verunsch empresta uma voz e uma língua a *Iñe-e*. A língua portuguesa é uma *zarabatana* e é com ela que *Iñe-e* denuncia uma série de violências praticadas contra os povos indígenas do Brasil. *Iñe-e* e *Juri* foram levados para corte como elementos de uma excêntrica fauna brasileira. A exotização do outro é também uma categoria do discurso colonial que se perpetua até os dias atuais.

20. Muhatu - Angola's Poetry Slam and Mentoring Program for Women - Resistance and Heritage through the Power of Word and Community

ElisRita (Elisângela Rita)

Muhatu

Muhatu - meaning “woman” in Kimbundu, one of the many languages of Angola, and a word of power for me, a woman, an African and a poet. Kimbundu is also the language of my ethnicity, as a descendant of the Ambundu tribe, fishermen and women from the shores of Luanda Island. But Kimbundu is not my native language. One of the most painful effects of colonialism was that it stripped us of our native languages, our “mother tongue”, and disconnected us from our “mother land” in a way. Although a young woman, born and bred under the bright skies of Luanda and nested by the sandy beaches of the Atlantic, I, and many like me, can only communicate in an alien European language, far away from our ancestry. So, we speak with a degree of emptiness and disconnection, from the tongue, from the land, the mother. In this pursuit of reconnection, as I try finding my own inner language and voice, and reconnecting to my “mother-tongue-womanhood”, in 2017 I started MUHATU - a Poetry Slam competition for young women poets in Angola. I founded MUHATU because I wanted to hear voices of the women of my city and country, and to create a platform for the world to hear their messages, a safe space that I did not find when I started performing poetry, a stage for upcoming ‘Muhatu

poets' to call their own. MUHATU is a space of reconnection to self, womanhood and our 'Africanness' through word and free of the social barriers that prevent women artists from flourishing. More importantly, I want 'Muhatu poets' to find their real mother tongue and to learn the sound of their inner voices. I believe there is power in channeling one's womanhood in the language of our foremothers. Five years after its birth, MUHATU has evolved to a mentoring program, where volunteer women, experienced in diverse fields, offer their mentoring and training to upcoming 'Muhatu poets'. Slowly we are weaving the network of women writers and poets in Angola, who will, individually and collectively own their inner voices, reconnect to the land, and reclaim the sense of belonging to their heritage. MUHATU is a vessel to take the Angolan woman poet (the Muhatu poet) back to her ancestry and back to herself. Muhatu is resistance and heritage through the power of word and community.

21. A incidência recreativa da mulher na escrita literária do *Spoken Word* em Angola: a sua participação no *Slam Muhatu* 2023

Esperança Madalena Lueca Ferraz
UNILUANDA
ORCID ID: [0000-0002-4956-1939](https://orcid.org/0000-0002-4956-1939)

Actualmente, as mulheres angolanas romperam as barreiras da subalternidade, elevando à sua voz em palcos onde a poesia falada conquista espaço para a apresentação e publicação dos melhores textos advindos destas arenas. A escrita feminina é uma ferramenta poderosa que serve para denunciar os problemas socioculturais, enquanto funciona como um pedido de socorro e de empoderamento das mulheres em Angola. *Muhatu* significa "mulher" na língua nacional kimbundu, trata-se de um projecto criado para as mulheres poetisas elevarem à sua voz na competição de *Slam*, que acontece em Luanda, desde o ano de 2017 e reúne mulheres de diferentes pontos geográficos do país. Criado por Elisângela Rita, com o intuito de promover a mulher na arte da poesia falada, em decorrência do fraco número de mulheres participantes no Luanda *Slam*. "A incidência da mulher na escrita literária do *Spoken Word* em Angola - sua participação no *Slam Muhatu 2023*" trata-se de um estudo bibliográfico com o objectivo de analisar as problemáticas apresentadas nos textos das vencedoras do concurso da 5ª edição do *Muhatu 2023*.

22. Deconstructing the West: Reading Brazilian Indigenous Women Authors through Ane Kethleen Pataxó's *Tecendo histórias do meu lugar*

Federica Lupati
CHAM, NOVA FCSH / UAc
ORCID ID: [0000-0001-7522-3389](https://orcid.org/0000-0001-7522-3389)

According to Kwame Anthony Appiah (2016), "There is no such thing as western civilization". The West and its values, and the very notion of "western culture" is a modern invention that does not find many responses in reality and its organization. Yet,

this notion has been used to observe, interpret, and legitimate the production and existence of a specific part of the world, that is, the areas that initially corresponded to the global North (or the spaces in opposition to the global South) and that today are identified with what can be considered the non-Muslim world. The West, its values and its categories do not correspond, or even respond, to a truthful representation of the world, and of the heterogeneity of thoughts, values and histories that inhabit it.

In the present paper, I argue that texts written by Indigenous authors make this limit particularly clear, given that the West as a reference is abandoned, and its logic and values are subverted. Drawing on decolonial theory, decolonial feminism, cultural anthropology and studies on Indigenous Literature, the present paper aims at contributing to the deconstruction of the idea of West, its values, and its pillars (among these: colonialism, patriarchy, and cultural imperialism) with a close reading of Ane Kethleen Pataxó's book *Tecendo histórias do meu lugar* (2022)

23. Resistências em torno dos versos de Paulina Chiziane e de Elisabete Nascimento

Fernanda Oliveira da Silva

UFRJ

ORCID ID: [0000-0001-9831-2827](https://orcid.org/0000-0001-9831-2827)

Repensar as posições que as mulheres ocupam em uma sociedade patriarcal e com base colonizadora é a principal reflexão após a leitura dos poemas de Paulina Chiziane e de Elisabete Nascimento. Nesse sentido, notou-se que há algo em comum nos versos escritos em Moçambique e nos escritos no Brasil. As escritoras demonstram, através das palavras, a resistência que o corpo negro feminino ainda precisa ter para sair da situação de subserviência que sempre foi imposta e, com suas escritas, quebram a objetificação da mulher feita pela literatura masculina. Pareceu-nos relevante, para este breve estudo, a resignificação dada por María Lugones para o conceito de “resistência” no ensaio *Rumo a um feminismo decolonial*. E, a partir dos diálogos com as teorias de bell hooks, Spivak e Simone de Beauvoir, iniciamos este estudo, discutindo a angústia das vozes líricas e o possível vínculo entre a literatura moçambicana e a literatura afro-brasileira. Com o auxílio das teóricas citadas acima, analisamos como a escrita feminina negra denuncia a escravidão, a pobreza, a desigualdade, o racismo e as explorações do corpo da mulher negra.

24. “Hoje sou uma menina do Sudão”. Um grito pelo direito a igualdade, a liberdade e a dignidade na escrita de Dina Salústio em *Uma menina de cristal e outras crônicas*

Geni Mendes de Brito

CLP, FLUC

ORCID ID: [0000-0003-0585-3515](https://orcid.org/0000-0003-0585-3515)

Em *Uma menina de cristal e outras crônicas*, Dina Salústio nos traz trinta novas histórias, algumas recentes, ocorridas durante o período pandêmico; histórias do cotidiano cabo-verdiano, de curta duração, com reduzido número de personagens num espaço

conhecido e compartilhado com o leitor, onde incita uma reflexão sobre diversas preocupações, e tudo “com um jeito especial de olhar, reflectir e contar” conforme testemunho do escritor e crítico literário Manuel Brito Semedo, numa leitura à obra da autora. Dina Salústio já afirmou que é “uma mulher que escreve umas coisas” (GOMES, 2008, p. 218), que “conta estórias de mulheres”. Em *Uma menina de cristal e outras crônicas*, Salústio apresenta curtos relatos sobre “tantas mulheres que cruzaram “ a sua vida: das meninas, das irmãs mais velhas, daquelas que não desistem, das que sofrem desigualdades e injustiças (SALÚSTIO, 2023), como a mutilação genital feminina (MGF) - prática que existe há milhares de anos, principalmente em países africanos e do Médio Oriente. Na crônica intitulada “Hoje sou uma menina do Sudão” (SALÚSTIO, p. 33), Dina defende a equidade de gênero e o empoderamento da mulher em todas as situações a elas atribuídas. Nesse contexto, objetiva-se apresentar nesta comunicação as denúncias contra a prática violenta que ainda sofrem tantas mulheres. É o grito pelo direito a igualdade, a liberdade e a dignidade.

25. Escrevivências amefricanas: a poesia feminina migrante entre o pessoal e político

Gessica Correia Borges

CECS / Universidade do Minho

ORCID ID: [0000-0001-6565-891X](https://orcid.org/0000-0001-6565-891X)

O artigo em questão explora a produção poética de três autoras migrantes residentes em Portugal, destacando a interconexão de seus escritos com os conceitos de "Amefricanidade" de Lélia Gonzalez e "Escrevivência" de Conceição Evaristo. As autoras em foco, Atija Assane, Hannah Bastos e Ellen Lima Wassu, utilizam a poesia como meio de expressar suas experiências migratórias, abordando questões identitárias e culturais em um contexto transcultural. O conceito de "Amefricanidade" é aplicado para analisar como essas autoras mantêm vínculos com suas raízes africanas e indígenas, e como isso se traduz em território português. Por sua vez, a "Escrevivência" é explorada como uma ferramenta teórica para compreender como as autoras constroem narrativas poéticas que refletem suas vivências e resistências. O texto busca contribuir para a visibilização e compreensão das diásporas viventes em Portugal, evidenciando como a poesia serve como um veículo crucial para a expressão e preservação das identidades culturais dessas autoras migrantes.

26. A Postcolonial Reading of Carolina Maria de Jesus's *Child of the Dark* and its Turkish Translation *Çöplük*

Güneş Ymanoğlu

Hacettepe University

ORCID ID: [0000-0002-8304-5356](https://orcid.org/0000-0002-8304-5356)

Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977) is a Brazilian author who is best known for her book, which has been the object of various studies both in Brazil and abroad. She is considered one of the first black women authors to raise concerns over policies affecting the most vulnerable social groups in the region. Her work *Child of the Dark: The Diary of*

Carolina Maria de Jesus (originally titled *Quarto de despejo: diário de uma favelada* in Portuguese) (1960), is a diary and literary memorial novel that narrates the daily life of the author. Through the book, she not only emphasizes the condition of peripheral black women but also attracts attention to all forms of human misery, hunger, different forms of violence, and social discrepancies. Especially non-white marginalized women in Brazil suffer combined intersections of prejudice not only locally, but also abroad. Therefore, a study of the literature by a Brazilian author directly illustrates the marginalized positions of people through the analysis of how the structured relationships between racism, class, and sexism generate common forms of oppression. The efforts of black women to be visible in the literary world and to draw attention to social issues such as inequality, racism, discrimination, and poverty is a fact that is not to be underestimated. The assessment of *Child of the Dark* and its Turkish translation, *Çöplük* reveals a comparative analysis that highlights the identity of Brazilian women who fought against hunger, prejudice, injustice, and inequality, thus becoming a significant representation of individuals on the margins of their society. For this purpose, the work in question will be read from the postcolonial perspective and its Turkish translation will be examined with translation studies theories to reveal whether the social and cultural elements are also transferred to Turkish. As a result, it will be revealed whether the author's dominant voice is heard in the Turkish translation as well as in English, that is, whether the translation reflects the author's feminist discourse and style as it is supposed to be.

27. Memória, resistência e decolonialidade em Vera Duarte

Hilarino da Luz

CHAM, NOVA FCSH / UAc

ORCID ID: [0000-0001-5694-5781](https://orcid.org/0000-0001-5694-5781)

Pretendemos, com esta comunicação, abordar a memória, a resistência e a decolonialidade em Vera Duarte, uma poetisa que tem tido um papel ativo e indicativo das conjunções coletivas cabo-verdianas. Dona de uma génese literária variada, ela aborda temáticas de natureza social, como os Direitos Humanos, a insubmissão da mulher, a autonomização e a violência contra as ditas mulheres e crianças. Desta feita, encontramos, na sua escrita, a necessidade de lutar contra a intransigência, o racismo (visível e invisível), e a violência; encontramos, ainda, a necessidade da criação de desafios de mudanças, através da construção de um pensamento decolonial. É, por esta razão, que a sua produção literária também apresenta a esperança como o começo fundamental na corporificação dos seus ideais e como via exequível para a edificação de um percurso literário apoiado em itinerários socioculturais, políticos, jurídicos e poéticos, capazes de gerar vozes que consigam construir o alento em detrimento do desânimo, o amor em detrimento da solidão, oposições marcadas pelas dualidades: sonho e liberdade; e silêncio e opressão, ou opressão como forma de silenciamento.

28. Narrativas espectrais: fantasmas (pós)coloniais em São Tomé e Príncipe

Inês Nascimento Rodrigues

Centro de Estudos Sociais (CES)

ORCID ID: [0000-0001-8088-0201](https://orcid.org/0000-0001-8088-0201)

Nesta comunicação, a metáfora da fantasmagoria serve como uma lente analítica através da qual se examina a experiência (pós-)colonial em São Tomé e Príncipe. Para o efeito, recorrer-se-á a obras literárias de duas escritoras santomenses de gerações distintas, Maria Manuela Margarido e Conceição Lima. Na paisagem espectral que desenham, a nação é retratada como uma casa assombrada, habitada por uma miríade de fantasmas (metafóricos e literais). Argumento que uma exploração atenta dos escritos destas mulheres constitui um poderoso instrumento para compreender o passado colonial de São Tomé e Príncipe e o seu impacto duradouro nas realidades contemporâneas. Através da sua poesia, estas escritoras convidam leitores e leitoras a confrontar os fantasmas que persistem na memória colectiva da nação, contribuindo, em última análise, para uma compreensão diferenciada da complexa história do arquipélago.

29. Memória atlântica e evocação Índica: o memorialismo anticolonial de Sacuntala de Miranda

Isabel A. Ferreira Gould

FLUL-CEComp

ORCID ID: [0000-0003-4861-192X](https://orcid.org/0000-0003-4861-192X)

Nascida nos Açores, de mãe açoriana e pai natural de Goa, a historiadora Sacuntala de Miranda (1934-2008) notabilizou-se pela resistência antifascista e militância anticolonial. Foi detida pela PIDE em 1953. A curta estadia em Caxias teve repercussões. Exilou-se em Inglaterra em 1960, onde permaneceu até ao 25 de Abril. Com o pai, o ativista anticolonial Lúcio de Miranda, o irmão e outros goeses exilados, Sacuntala de Miranda militou a favor da libertação de Goa. Foi professora na Universidade Nova de Lisboa, deixou um vasto legado bibliográfico no campo da História Social e Económica e publicou três livros de prosa e poesia memorialistas. *Memórias de um peão nos combates pela liberdade* (2003), *O sorriso de Satya* (2005) e *Raízes* (2012) cruzam o testemunho pessoal da filha-mulher-militante com o relato de figuras e eventos históricos. Estes três livros de memórias devem ser lidos como um corpus que revisita a formação da historiadora e inscreve a sua experiência na história da resistência ao Estado Novo. Prosa e poesia narram a infância, a juventude e a idade maior: do berço insular açoriano, à ancestral Goa, ao Portugal estadonovista e aos caminhos de Abril. Esta comunicação visa mostrar: 1) como o anticolonialismo de Sacuntala de Miranda se forma no Atlântico e no Índico; 2) como o 'eu' narrado se constrói através de um conjunto de relações com os outros, uma vez que "o 'eu' não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações" (BUTLER, 2005, 8); e 3) como a escrita feminina da memória política relata a resistência como história do passado e do presente.

30. O imaginário liberta: o romance histórico na luta decolonial brasileira pela emancipação feminina

Isabela Vince Esgalha Fernandes

Universidade Federal da Bahia / CAPES

ORCID ID: [0000-0002-3514-7331](https://orcid.org/0000-0002-3514-7331)

Excluídas das narrativas oficiais às quais só é dado espaço a versões masculinas, heteronormativas e brancas, as mulheres até hoje têm dificuldade de se enxergar como protagonistas não apenas na história de lutas e resistências de seu povo, mas de suas próprias vidas. Mesmo com as inúmeras e importantes transformações sociais que deram maior espaço às mulheres, quando se trata de narrativas históricas, o silêncio em relação ao seu papel ainda é ensurdecedor. Quando analisamos o problema a partir das lentes teóricas da decolonialidade, assim como ao longo de toda a história da humanidade, nós, metade da população mundial, encontramos possibilidades de subverter a lógica e resistir à opressão e silenciamento. Na atualidade, é possível verificar como a literatura tem sido importante neste processo. Com a utilização do romance histórico para o desenvolvimento de narrativas que priorizam o ângulo e protagonismo femininos, autoras, entre as quais se destacam as de importantes obras brasileiras, resgatam processos históricos, trazendo, através do imaginário ficcional, reflexões sobre a existência e resistência feminina no passado, abrindo caminho para sua emancipação no presente. A proposta do presente trabalho é refletir, a partir da análise da obra *O som do rugido da onça* (2021), da pernambucana Micheline Verunschik, em que medida esse exercício de escrita ficcional e histórica feminista, por si um ato de resistência, pode contribuir para o empoderamento feminino.

31. A migração judaica para o Brasil na literatura pseudoautobiográfica de Elisa Lispector

Ivana Librici

Investigadora Independente

A diáspora judaica do século XX produziu um forte fluxo migratório da Europa Oriental para o Novo Mundo, criando um contexto cultural frutífero. O processo migratório, muitas vezes conturbado e doloroso, reflete-se numa verdadeira tendência literária caracterizada pelo encontro entre a cultura judaica e o Brasil, através da experiência da viagem e da posterior tentativa de adaptação à nova realidade. O romance *No Exílio*, de Elisa Lispector, se delinea como uma narrativa pseudoautobiográfica que, a partir de sua própria experiência migratória, constrói uma epopeia da diáspora e da figura heroica do judeu errante.

Até mesmo um texto como *O ciclo das Águas*, de Moacyr Scliar, embora mais marcadamente ficcional, esboça a mesma tentativa. Em particular, em ambos os casos, trata-se de uma epopeia feminina onde uma heroína encarna o papel de testemunha de uma memória colectiva.

A análise literária dos dois textos, à luz das reflexões e implicações hermenêuticas de María Zambrano sobre o género literário da confissão, permitir-nos-á delinear o duplo movimento de oferecer acontecimentos vividos a nível individual e a consequente tentativa de formular uma universalidade de reflexões sobre a migração judaica.

32. Estar no *Redemoinho*: Jarid Arraes e as bordas da memória

Janniny G. Kierniew

Universidade Feevale / CNPq

ORCID ID: [0000-0002-6298-9454](https://orcid.org/0000-0002-6298-9454)

Jarid Arraes é escritora, poeta e cordelista, nascida na região do Cariri, no interior do Ceará. Em 2019, lança o livro de conto *Redemoinho em dia quente*, que retrata protagonistas mulheres do nordeste do Brasil, de diferentes idades, contextos e expressões, que não se encaixam em padrões: mulheres que desafiam a lógica e as expectativas do socialmente esperado. Cada conto retrata a complexidade do ser mulher, longe dos grandes centros urbanos, com suas violências e idiosincrasias. Jarid aposta na mistura de realismo mágico e crítica social, afirmando que escreveu o livro para poder fazer as pazes com o lugar onde nasceu, pois de alguma maneira, é “uma mulher que faz parte desse bando de mulher que está no redemoinho”. Este trabalho aproxima os contos às imagens realizadas pela escritora durante a produção do livro, localizando uma prática de escrita que converge na Prática da Letra (LACAN, 1988). Uma escrita no litoral que percorre as bordas da memória e da ficção para inscrever um estilo: uma voz singular de mulher negra e nordestina que usa diferentes estratégias de invenção para (a)bordar sua ancestralidade, um enraizamento (WEILS, 2022) que se ramifica em diferentes possibilidades de criar existências.

33. «Sempre pela metade»: o silêncio feminino como mecanismo de defesa em *Veromar*, de Dina Salústio

João Oliveira

NOVA FCSH

ORCID ID: [0000-0003-4083-036X](https://orcid.org/0000-0003-4083-036X)

Em termos da participação feminina, o período pós-colonial trouxe uma nova tendência à literatura cabo-verdiana com o surgimento de um significativo número de escritoras, centradas, sobretudo, na condição da mulher cabo-verdiana. Antes da independência nacional, as mulheres foram duplamente vítimas de ideais machistas: (1) de um lado, a repressão exercida por um regime colonial conservador e misógino (2) doutro lado, a estigmatização propugnada por uma sociedade dominada por homens. Ativista social, feminista e jornalista, Dina Salústio foi a primeira escritora cabo-verdiana a publicar um romance. Em *Veromar* (2019), a sua terceira obra romanesca, Dina Salústio volta a um dos temas recorrentes na produção literária, a questão da violência sexual contra a mulher. Nesse romance, algumas personagens femininas usam o silêncio como um dispositivo de fuga à vigilância social. Pois, em *Veromar* “era muito fácil acusarem as mulheres de algum destempero” (44). À luz de estudos teóricos sobre o *feminismo* (Lorna Finlayson, 2016; Judith Butler, 1990), a *violência sexual contra as mulheres* (Liz Kelly, 1988), e *gênero e pós-colonialismo* (Hilary Owen, 2014; Eurídice Monteiro, 2013), abordarei, numa perspectiva comparatista com a sociedade cabo-verdiana atual, o percurso de três personagens femininas cujas vidas foram interrompidas ou alteradas por atos de violência sexual, de ostracização e de perseguição perpetuados por moradores de *Veromar*.

34. A expressão artística feminina e periférica: uma análise do *Slam Poetry* de Meimei Bastos

Joyce Helen Neves

Universidade de Brasília

ORCID ID: [0000-0002-3185-2375](https://orcid.org/0000-0002-3185-2375)

A fala feminina em espaços públicos sempre foi podada e/ou desvalorizada, como apresenta bell hooks em *Erguer a voz* (1989). Nesse sentido, as batalhas de *slam poetry* surgem, no Brasil, assim como as batalhas de rima (rap), como um espaço masculino. Entretanto, posteriormente, o espaço começa a ser conquistado por mulheres que desenvolvem suas próprias batalhas e consolidam grupos de apoio. Assim, as mulheres iniciam no *slam* como forma de expressar, por meio da arte, indignações coletivas. Dessa forma, o presente trabalho se propõe a analisar as expressões artísticas de Meimei Bastos (poeta de *slam* da periferia de Brasília) e a influência da sua experiência feminina e periférica em suas declamações e seus textos publicados. Para tanto, suas performances e poesias serão analisadas à luz de teóricas feministas que estudam o papel da fala feminina como bell hooks, Gayatri Spivak e Patricia Hill Collins. Além delas, autoras afrolatinas que procuram desenvolver uma perspectiva de gênero racializada, como Lélia González e Beatriz Nascimento.

35. O projeto decolonial de *Sangria*: potencialidades de um corpo-útero-poesia

Karine Aragão

UFRJ / PACC / FAPERJ

ORCID ID: [0000-0003-4859-8497](https://orcid.org/0000-0003-4859-8497)

Esta comunicação pretende desenvolver uma análise sobre a obra-performance *Sangria* (2017) de Luiza Romão, na qual a *slammer* revisita a colonização do Brasil a partir do ponto de vista de um útero, propondo um imaginário decolonial que subverte a apreensão da colonização (e de seus efeitos evidenciados pelas colonialidades do ser, do saber e do poder) como equiparada a um processo de civilização. Cada um dos 28 poemas é disposto com uma fotografia em preto, branco e vermelho, registros de partes do corpo (seios, pernas, mãos, punhos, pescoço, boca, olhos, umbigo), atravessadas de materiais metálicos (correntes, talheres, fechaduras, pregos, espelhos) e barbante vermelho. Em *Sangria*, a anatomia é reinventada e o corpo se torna suporte de uma denúncia histórica. Somada a essas escolhas visuais, a publicação de *Sangria* foi acompanhada de vídeos postados no canal da poeta, onde ela performa seus poemas, garantindo à poesia o seu potencial de corporalidade e de oralidade. Para aprofundar os diálogos possíveis sobre *Sangria*, tomam-se perspectivas ensaísticas da autora Audre Lorde em *A poesia não é um luxo* (2021) e *Usos do Erótico: o erótico como poder* (2021).

36. Apagamento e construção da memória em Dina Salústio: uma análise das violências nas infâncias

Katria Gabrieli Fagundes Galassi

UFRJ

ORCID ID: [0009-0009-5957-0239](https://orcid.org/0009-0009-5957-0239)

A escritora cabo-verdiana Dina Salústio reforça, a cada escrita sua, seu olhar terno e atencioso às realidades das mulheres em todas as idades. Em seu mais novo lançamento *Uma menina de Cristal e outras crônicas*, Salústio salienta a situação feminina em textos precisos e audaciosos, onde ela denuncia a constante agressão ao corpo tão recorrentemente machucado das meninas e das mulheres. Com uma coragem que poucas escritoras costumam reforçar, Salústio escancara raízes do sofrimento psíquico que essas meninas guardam dentro de si para serem a fortaleza necessária para ajudar suas mães, meninas-maiores, na criação de irmãos e sobrinhos. A violência contra essas memórias permanece velada, inaudita. Onde nem mesmo a mulher adulta consegue exercer seu direito de fala, a criança não encontra chance de reconhecimento dos seus sentimentos e medos. A infância, que seria “o período no qual a sociedade como um todo e pais e mães em particular têm por missão apresentar o mundo paulatinamente à criança, identificando e respeitando seus limites físicos e psíquicos” (IACONELLI, 2023, p.29), de acordo com Salústio, não é exatamente respeitada. Pelo contrário, em grande parte da sociedade cabo-verdiana – que é a sociedade de denúncia de Dina Salústio, mas que, sem dúvida alguma, também reflete outras sociedades pelo globo – as infâncias são silenciadas, violentadas e esquecidas. Pretende-se aqui trazer uma breve análise sobre os temas já mencionados – violência, memória e infância – por meio de algumas crônicas salustianas, com aporte teórico psicanalítico e memorialístico.

37. A poesia anticolonial de autoria feminina: além da nação africana

Lanie Millar

University of Oregon

ORCID ID: [0009-0009-0337-7368](https://orcid.org/0009-0009-0337-7368)

Esta apresentação pretende analisar as contribuições de três poetisas africanas de meados do século XX à construção discursiva de comunidades femininas além da nação: Noémia de Sousa, Alda do Espírito Santo e Alda Lara. Respondendo à historiografia literária de Moçambique, São Tomé e Angola que menosprezava a presença de autoras na emergência de uma consciência nacional na literatura, no século XXI, estudos importantes têm explorado a poética destas figuras-chave na construção da nação (CAVACAS, 1999; PADILHA, 2003; SOARES FONSECA, 2004; OWEN, 2007; PERES, 2007, etc.). Mais recentemente, o trabalho de críticas como Noemi Alfieri e Joana dos Passos frisa as maneiras nas quais estas poetisas ajudaram a definir os campos intelectuais do século XX, com atenção à consciência delas de questões de gênero e patriarcado, invisibilizadas pela ideologia de unidade nacional que fundamenta a luta anticolonial (ALFIERI 2021). Baseando-se nestes estudos fundacionais, esta apresentação visa explorar como as técnicas poéticas de Noémia de Sousa, Alda do Espírito Santo e Alda

Lara constroem comunidades femininas além da nação imaginada. Se propõe que a poesia constitui uma rede de vozes femininas tanto dentro da obra poética de cada uma como entre elas, baseada no diálogo e um processo de reconhecimento mútuo da outra.

38. Representações de *personae* negras em textos poéticos: literatura afro-luso-brasileira e culturas contemporâneas

Lilian do Rocio Borba

ORCID ID: [0000-0002-3666-6280](https://orcid.org/0000-0002-3666-6280)

A presente investigação tem como objetivo analisar a representação de *personae* negras em obras poéticas escritas por mulheres de ascendência africana que se expressam em língua portuguesa no Brasil e em Portugal. Como objetivo decorrente, o trabalho tem como propósito estudar o modo como essas autoras contemporâneas constroem imagens da mulher negra, dos chamados contextos “periféricos”, em seus escritos poético-literários com vistas a proceder à comparação sobre como as experiências de corpos racializados são *semantizadas* (EVARISTO, 2005) nesse fazer literário em primeira pessoa. Os textos selecionados para compor o *corpus* de análise fazem parte de coletâneas elaboradas por autoras cujas vozes, até pouco tempo, não eram “autorizadas” no espaço da cultura dominante. Sua textualidade tem relação com poéticas como *word spoken*, *rap* e *slam poetry*, as quais se realizam como práticas multimodais em que língua, corpo e performance se completam. Os poemas em análise são “*Je ne parle pas bien*”, da brasileira Luz Ribeiro e “*Outra educação*” de Cristina Carlos, residente em Lisboa. Emergem, desses textos, elementos linguísticos e discursivos que se insurgem como forma de resistência e carregam a história colonial; a relação assimétrica entre os usos da língua do colonizador, suas variedades e outras línguas de origem; a memória da escravização; a fragmentação da descolonização; a negação da cidadania; a desumanização do indivíduo e a subalternização do trabalho da mulher. Do ponto de vista teórico, propõe-se uma abordagem transdisciplinar ao buscar promover um diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e seus dispositivos, a saber os estudos culturais e a construção de identidades nacionais e étnicas; a sociolinguística e os estudos de representação por meio da linguagem; e os estudos literários com o conceito de literatura-mundial.

39. Análise das representações das mulheres negras nas telenovelas brasileiras

Lívia Sampaio

Universidade Autónoma de Lisboa

ORCID ID: [0009-0005-8089-5119](https://orcid.org/0009-0005-8089-5119)

O artigo aborda as representações de mulheres negras na *média* brasileira, destacando seu exame em vários campos, como comunicação, estudos culturais, gênero e raça. Ao focar nas telenovelas, explora as complexidades e implicações das representações, questionando relações de poder e a criação de estereótipos. A análise começa examinando a representação cultural e social através da linguagem, com influências de autores como Stuart Hall e Sergei Moscovic. Em seguida, explora as representações nos contextos mediáticos dos EUA, com Patricia Hill Collins e bell hooks, considerando o

conceito de imagens de controle. O trabalho aborda o contexto brasileiro, discutindo como o mito da Democracia Racial influenciou representações em telenovelas, usando autores como Abdias Nascimento e Sílvio Almeida. A análise da televisão como conceito, conforme proposto por Muniz Sodré, examina como as telenovelas usam a linguagem televisiva para criar estereótipos. O artigo conclui com um levantamento histórico das primeiras telenovelas brasileiras, destacando as representações das mulheres negras e sua evolução ao longo das décadas, com referência a Joel Zito Araújo para analisar resistências e mudanças recentes.

40. “As viciadas”: retratos do lesboerotismo em Ercília Nogueira Cobra e Chrysanthème

Luana Barossi

UFSC

ORCID ID: [0000-0001-8535-5342](https://orcid.org/0000-0001-8535-5342)

Esta comunicação tem como intuito realizar uma leitura das representações lesboeróticas nas obras *Enervadas* (1922), de Chrysanthème e *Virgindade inútil* (1922/1927), de Ercília Nogueira Cobra, a partir de uma leitura textualista articulada a um conceito usualmente vinculado ao gênero dramático, o distanciamento brechtiano. Os textos dessas autoras apresentam a expressão “viciadas” repetida como uma espécie de *leitmotiv* que explicita o modo como as relações lesboeróticas eram vistas nos primeiros anos do século XX. Levando em consideração a lógica do efeito de distanciamento proposto por Brecht, como um recurso estético que visa colocar em evidência aquilo que é naturalizado socialmente em determinado contexto sócio-cultural; consideramos que as obras das autoras se utilizam do termo “viciadas”, de uso corrente em seus contextos, para colocar em evidência o modo como essa cosmovisão hegemônica acerca do lesboerotismo no começo do século XX constrói uma lógica de aproximação entre as relações lesboeróticas e o vício em drogas, uma vez que a morfina e a cocaína também são recorrentes como motivos condutores de boa parte das personagens.

41. O silêncio torna-se poesia: construindo uma geografia de autoras invisibilizadas a partir da experiência da Livraria das Insurgentes.

Luana Loria

Projeto As Insurgentes | CHAM, NOVA FCSH / UAc

ORCID ID: [0000-0002-5439-9251](https://orcid.org/0000-0002-5439-9251)

Onde estão as escritoras ciganas, reclusas e ex-reclusas, trabalhadoras do sexo, consumidoras de substâncias psicoativas? Estes arquétipos são frequentemente objeto de representação em textos literários, fazendo parte do grande catálogo de personagens que fundamenta a Alteridade e o Outro, mas quando pensamos em vozes literárias ativas no mercado editorial hegemônico, onde estão elas?

A proposta desta comunicação é começar a construir uma geografia das escritoras invisibilizadas no contexto literário português, partindo da experiência que o projeto da

Livraria das Insurgentes está a realizar. A Livraria das Insurgentes é um projeto de divulgação de livros feministas escritos por mulheres, pessoas não-binárias e oprimidas pelo sistema cis-heteropatriarcal, que pretende amplificar as vozes femininas e não-binárias, por considerar que até hoje no mercado editorial a autoria masculina, heterossexual, branca e ocidental é a predominante. Nesta comunicação, interessa discutir como as escritoras “subalternas” (SPIVAK, 2021) raramente são escutadas/lidas/visíveis e têm o acesso dificultado no mundo editorial hegemónico. Importa também discutir como o silêncio pode ser transformado em ação, linguagem e poesia (LORDE, 2023). Os estudos de género com abordagem interseccional tornam-se fundamentais para a consolidação do trabalho de resgate de escritoras silenciadas/invisibilizadas na pauta dos estudos literários atuais.

42. Memórias do corpo-mercadoria: prisões, prostituições, escrita e testemunho

Luca Fazzini

CeComp, FLUL

ORCID ID: [0000-0002-7210-3856](https://orcid.org/0000-0002-7210-3856)

Uma linha ténue une as existências de Fernanda Farias de Albuquerque, Princesa, e Sabrina Efionayi: a escrita, que atravessa as experiências de corpos reificados, apropriados e violentados. Corpos que pertenceram a outros, carcereiros e clientes. O da Fernanda de Albuquerque, conhecida com o pseudónimo de Princesa. Uma mulher trans, originária do nordeste brasileiro, que na rota da prostituição atravessa o Atlântico. Madrid, Milão, Roma e a reclusão no Complexo Carcerário de Rebibbia, onde, do encontro com Giovanni, jovem pastor da Sardenha, e Maurizio Jannelli, integrante das Brigate Rosse, surge *Princesa* (1994), um romance de testemunho costurado nas interceções entre três universos linguísticos e culturais, o português do Brasil, o italiano standard e a língua sarda. Por sua vez, em *Addio, a domani* (2022), entre registo memorialista e pós-memória, a autora, Sabrina Efionayi, articula as lembranças da infância em Castel Volturno, com a família adotiva, à qual foi entregue pela mãe, e os fragmentos das memórias da própria mãe, uma mulher nigeriana, escravizada por organizações criminais originárias do país africano, com as quais, em condições precárias, atravessou o Sahara e o Mediterrâneo, antes de tornar-se uma escrava sexual na periferia napolitana. Com a presente comunicação, a partir das duas obras citadas, propõe-se uma reflexão sobre o testemunho literário de experiências em trânsito entre geografias, vítimas do abuso e da violência sobre o corpo.

43. O corpo-memória: doença e fantasmagoria nas personagens femininas de Djaimilia Pereira de Almeida

Luciana Martínez

Centro de Estudos Sociais (CES) / Universidade de Coimbra

ORCID ID: [0000-0002-6671-4351](https://orcid.org/0000-0002-6671-4351)

A doença é tema recorrente nos romances de Djaimilia Pereira de Almeida. Em *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), os Cartola de Sousa são descritos como uma família de “doentes-cuidadores” e “cuidadores-doentes”, enquanto Aquiles tem um calcanhar defeituoso e Glória vive acamada desde o nascimento do filho caçula. Já em *Maremoto* (2021), Boa Morte sofre com uma hérnia e Fatinha vive em estado de loucura. Em *Visão das Plantas* (2019), é o corpo envelhecido de Celestino que, à medida que adocece, se mistura à matéria do jardim de que cuida. São de fato muitos os exemplos e as formas da doença na obra da autora, mas seu sentido é, podemos argumentar, constante: por um lado, a doença atua como expressão do cruzamento entre a história colonial e a história pessoal dos personagens; por outro, revela-se como agente de mudança, ao intervirem no jogo entre deslocamento e imobilidade que percorre a escrita de Almeida. No caso de suas personagens femininas, no entanto, o tratamento da autora ao tema da doença parece assentar em operações singulares: as doenças que acometem as mulheres ora as deixam paralisadas ora as tornam como que versões fantasmáticas de si mesmas. Neste cenário, esta comunicação pretende explorar os vínculos entre doença e fantasmagoria – _com tudo os fantasmas têm a dizer sobre a história e a memória – _nas personagens femininas de Djaimilia Pereira Almeida, privilegiando os casos de Glória (*Luanda, Lisboa, Paraíso*) e Fatinha (*Maremoto*).

44. Visibilidade e Representação no Espaço Público: Os Lambe-Lambes do Coletivo Feminicidade

Maëlle Karl

Freie Universität, Berlin

ORCID ID: [0009-0002-9804-9349](https://orcid.org/0009-0002-9804-9349)

O coletivo de mulheres* *Feminicidade* tem como objetivo enriquecer o espaço público nas grandes cidades do Brasil, trazendo as histórias e perspectivas de mulheres* e conferindo mais valorização e visibilidade a essas experiências. O nome “Feminicidade” é um neologismo que faz referência à conexão entre “Feminidade” e “Cidade”, bem como “Feminicídio”, abordando a representação das feminilidades* nos espaços urbanos, além do perigo da violência de gênero. Ativo no Rio de Janeiro desde 2016, o coletivo utiliza uma variedade de estratégias artísticas, culturais e sociais para questionar a violência contra as mulheres* e promover seu autoempoderamento. Essas estratégias incluem eventos comunitários, fanzines, grupos de discussão, uma forte presença online e, em particular, inúmeras campanhas de lambe-lambes em espaços públicos. A palestra analisa a dinâmica de visibilidade, representação e ocupação do espaço público através dos lambe-lambes do coletivo. O foco estará em uma campanha de lambe-lambes de 2019, que será analisada em termos de seu design artístico-estético e das estratégias de visibilidade empregadas.

45. A preservação da memória e a construção da narrativa anti-hegemônica no conto “Os donos das terras das águas do mar” de Celinha

Magdalena Walczuk

Universidade de Varsóvia

ORCID ID: [0000-0002-9507-682X](https://orcid.org/0000-0002-9507-682X)

Na comunicação, proponho uma análise, sob a perspectiva decolonial, do conto da autora afro-brasileira Celinha, intitulado “Os donos das terras das águas do mar”, publicado em 1984, no 4º volume da série *Cadernos Negros*. Por meio da figura de Preta Babaça, contadora de histórias (uma espécie de *griot* feminina), o conto destaca a importância das narrativas orais na preservação da memória histórico-cultural e mitologia dos povos africanos, sujeitos ao epistemicídio no processo colonial (SANTOS 1995). O saber ancestral é transmitido na oralidade para as gerações mais novas, representadas, no conto, por um grupo de crianças negras que procuram ensinamentos da anciã. O poder transgressor e anti-hegemônico do conto revela-se, antes de tudo na reconfiguração da história dos africanos escravizados, mortos na travessia atlântica, transformados pela narrativa no “povo do mar calunga”, protetor dos africanos e seus descendentes afro-brasileiros. Desafiando a lógica dominante, a morte trágica dos africanos, transforma-se assim no fator do empoderamento dos seus descendentes. O conto pode ser interpretado, portanto, como uma forma de *desobediência epistêmica* (MIGNOLO, 2011) em relação ao discurso hegemônico ocidental, subvertendo os valores e os lugares subalternos tradicionalmente atrelados aos negros e sua herança histórica e cultural. A análise do conto procurará identificar algumas estratégias literárias decoloniais que podem ser observadas na textualidade afro-brasileira.

46. Território, imigração e literatura: mulheres estrangeiras fazem a nova literatura portuguesa

Manuella Bezerra de Melo

CEHUM, Universidade do Minho

ORCID ID: [0000-0003-1197-3716](https://orcid.org/0000-0003-1197-3716)

Com o modelo estético do pós-25 de Abril em esgotamento, e o registo da mais contemporânea literatura portuguesa engessado em uma transitoriedade entre aquilo que já foi e o que não veio a ser, a patinar sem orientação nem estabelecimento de balizas ou consensos, é a nova vaga de mulheres imigrantes escritoras residentes em Portugal que têm trazido novidades à agenda literária, e promovido um possível desdobramento aos valores de abril na historiografia da literatura nacional. Ao evocar uma tríade de componentes emergentes no País, como a urgência em democratizar o acesso à produção literária, o enfrentamento à persistente presença de uma cultura colonial no campo simbólico e nos aparelhos das estruturas de poder, e a valorização e afirmação das variantes do português trazidos das ex-colônias, praticado aqui em confronto à assimilação e sem admissão de hierarquias em contraposição à erudição parnasiana saudosista do império, este campo, no sentido de “oposição entre forças” cunhado pelo Pierre Bourdieu, tem empreendido uma rutura contra-hegemônica no fazer literário. A

partir de uma abordagem historiográfica, exploratória e documental, e a luz dos estudos comparados entre literatura, cultura e sociedade, este trabalho propõe iniciar a análise do impacto da presença desta nova vaga de escritoras recém-imigradas em Portugal, que tem forçado acesso aos espaços de legitimação do sistema literário português com o mesmo empenho que inventam seus próprios solos férteis para construir seus centros pela via das margens e da periferia literária; e mapear estes alguns destes processos recentes para, posteriormente, refletir sobre quais os significados, efeitos e repercussões que esta infiltração poderá deixar na rota da literatura portuguesa, talvez enquanto uma componente mais recente, experimental mas renovadora, das identidades pós-coloniais possibilitadas e fundadas desde fim da ditadura portuguesa.

47. Maria Firmina dos Reis e Igiaba Scego: identidades pós-coloniais e decoloniais no tempo e no espaço

Manuela Magalhães

UFSC / UNIPR / UNIGE

ORCID ID: [0009-0007-0284-293X](https://orcid.org/0009-0007-0284-293X)

Partindo de um posicionamento sociocultural que caracteriza a obra de Maria Firmina dos Reis, esse trabalho propõe um olhar sobre a linguagem abolicionista e de gênero presente em seu romance *Úrsula* de 1859, que dialoga com a narrativa atual da escritora ítalo-somali Igiaba Scego e o romance *La linea del colore* de 2020. *Úrsula* é considerado o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher negra e afro-brasileira. Na Itália, a sua tradução ainda é inédita, porém, em breve, será apresentada ao público italiano através da minha pesquisa de doutorado. O romance inaugura oficialmente a literatura afro-brasileira, dando voz a personagens africanos, que refletem sobre questões essenciais para a população negra do Brasil. Através da protagonista Úrsula, a narrativa enfoca temas importantes como a escravidão, a diáspora negra no Brasil e os abusos perpetrados pela sociedade patriarcal do período. E é capaz de sustentar questões e reivindicações que também estão presentes no romance de Scego, onde a história da protagonista, Lafanu Brown – inicialmente ambientada na metade do século XVIII, entre Estados Unidos e Itália – aborda as lutas pela emancipação feminina, o confronto com a cultura racista e a impossibilidade de sair do próprio status social na Europa de hoje.

48. O affective repertoire de Rísia e a mudez de Macabéa: laços que a Língua Portuguesa (des)faz em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector e *As Mulheres de Tijuco Papo*, de Marilene Felinto

Márcia Fanti Negri

Universidade de Miami

ORCID ID: [0000-0003-2432-9313](https://orcid.org/0000-0003-2432-9313)

O objetivo deste artigo é discutir as formas de subjetividade feminina entre Macabéa, em *A hora da estrela* (Clarice Lispector, 1977) e Rísia, em *As mulheres de Tijuco Papo* (Marilene Felinto, 1984) que são veiculadas a partir da subversão da linguagem. Através da ironia e da liminalidade, Lispector reforça o discurso masculinista que infantiliza,

objetifica, racializa e trata de maneira abjeta (KRISTEVA, 1982) o corpo feminino; e Felinto protagoniza uma mulher racializada com um "affective repertoire" (PAVLENKO, 2012) como forma de rejeitar essa voz masculinista pós-colonial que constrói a subjetividade feminina. Concentro-me na poética e na estética da escrita para explorar as camadas de uma gramaticalidade feminina como forma de resistência à tradição literária canônica, bem como na sociedade em geral. Sob a perspectiva da migração invertida de Rísia, discuto o "voltar" como um ato de resistência às noções patriarcais de gênero e raça no contexto brasileiro. Estabeleço diálogo com teóricas feministas como Lélia Gonzalez (1988) e Gloria Anzaldúa (2007) para teorizar sobre como a linguagem se torna uma ferramenta que mostra o verdadeiro eu feminino re-imaginando o posicionamento periférico como o "ápice do feminino" (EVARISTO, 2023, p. 27).

49. Não em nome do pai. Desconstruindo as paternidades da memória na escrita das mulheres afrodescendentes.

Margarida Rendeiro

CHAM, NOVA FCSH / UAc

ORCID ID: [0000-0002-8607-3256](https://orcid.org/0000-0002-8607-3256)

Em *A Canon of Empty Fathers: Paternity in Portuguese Narrative* (2007), Phillip Rothwell, recorrendo à teoria psicanalítica Lacaniana, demonstra como representações simbólicas de uma paternidade vazia percorrem a literatura portuguesa, indo para além da figura imperial do pai da nação, explorada por Salazar durante o Estado Novo. Encontram-se presentes em textos de autores tão diversos como Francisco Gomes de Amorim, Eça de Queiroz, António Ferro ou António Lobo Antunes. Numa linha de pensamento muito próxima, Margarida Calafate Ribeiro e António Sousa Ribeiro (2018) argumentam que se é através da escrita que os filhos do império lidam com o legado das memórias dos progenitores, e muito particularmente, com o legado das memórias dos pais ex-combatentes, um diálogo interior sobre perda com a figura paterna torna-se frequentemente num diálogo também sobre a pátria. A presente comunicação discute a literatura portuguesa escrita por mulheres afrodescendentes, tais como Djaimilia Pereira de Almeida e Yara Nakahanda Monteiro, para argumentar que, nela, esse diálogo encontra-se ausente, sendo a importância da figura do pai substituída pela da mãe. Partindo deste argumento, exploram-se várias narrativas para demonstrar que é por via de um diálogo interior com a mãe, figura frequentemente ausente, que se exploram os silêncios estruturais de uma nação que se debate ainda com os seus fantasmas do passado.

50. Exotismo e estigmatização da bissexualidade e da masculinidade lésbica nas ficções de Cassandra Rios

Mariacristina Migliore

FLUC, CES

ORCID ID: [0000-0001-7632-8190](https://orcid.org/0000-0001-7632-8190)

As obras da escritora paulistana Cassandra Rios (1932-2002) são testemunho da existência de uma comunidade queer dinâmica no Brasil entre 1950 e 1980. Os textos, que relatam histórias de amor erótico entre mulheres, bem como representações

transgressoras do gênero, instigaram a indignação da crítica literária da altura e atraíram a ação repressiva dos órgãos censórios do regime militar. A partir dos anos 2000, a dissidência sexual e de gênero na literatura de Rios tem inspirado um trabalho crítico de revalorização da sua produção. A capacidade da autora de apropriar-se da linguagem da classe dominante viabiliza, na sua narrativa, uma resistência ao modelo heteropatriarcal através do protagonismo das personagens lésbicas e da subversão dos valores hegemônicos (SANTOS, 2003; FACCO e LIMA, 2004). Nesta comunicação, abordarei esta vertente da obra de Rios e destacarei os elementos trans bifóbicos e exotizantes que a crítica cassandriana tem contornado, na intenção de tornar Rios numa referência da literatura LGBTAI+/queer brasileira. Pretendo demonstrar como a aparente negatividade das representações de personagens *butch*, bissexuais e/ou não-brancas, resultante da percepção das protagonistas e fundada em preconceitos contra estas categorias, produz, através da linguagem paródica, uma crítica dos estereótipos e opera uma subversão interna do imaginário LBT dos romances analisados.

51. As relações de poder e de gênero: diálogos entre literatura africana e literatura amazônica

Maria Ivonete Coutinho da Silva

Universidade Federal do Pará

ORCID ID: [0000-0002-2461-7334](https://orcid.org/0000-0002-2461-7334)

Artigo bibliográfico, com base na literatura comparada, faz uma abordagem das relações de poder e de gênero, a partir de duas obras literárias situadas em contextos colonizados, nas quais mulheres racializadas são as personagens principais. Trata-se do romance *Francisca - e a utopia da liberdade* (2010) de Sylvia Aranha Ribeiro, e do conto *Ninguém matou Suhura* (2013) da escritora moçambicana Lilia Momplé. Em ambas as narrativas, predomina a ideologia da colonização, na qual o colonizador impetra os paradigmas sociais com base na colonialidade do ser, da natureza, do saber e do gênero, na medida em que essas categorias são pensadas e relacionadas tendo como parâmetro as concepções eurocêntricas, etnocêntricas e patriarcais. Essa discussão se faz em diálogo com as duas obras acima citada e com a devida fundamentação teórica, acerca da colonialidade, poder e gênero (QUIJANO, 2005; LUGONES, 2008; VERGÈS, 2020) sobre as relações institucionalizadas, sexualidade e raça (BOURDIEU, 2012; FOUCAULT, 1998), entre outras bibliografias que deram embasamento às discussões em torno dessas narrativas literárias.

52. Os memoráveis, metáforas da busca de felicidade

Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva

UFRJ

ORCID ID: [0000-0003-2993-3632](https://orcid.org/0000-0003-2993-3632)

Estudo do romance *Os Memoráveis*, da escritora Lídia Jorge, refletindo sobre suas metáforas de busca de felicidade. A narrativa reconta a história de personagens, a partir do que elas possuem de mais íntimo: seus projetos pessoais de felicidade. A Revolução dos Cravos surge, assim, como um mergulho no significado dos afetos e memórias pessoais de tais personagens. Percebemos, contudo, que tais projetos pessoais

articulam-se inevitavelmente a projetos coletivos, que envolveram uma cosmovisão capaz de movê-los todos rumo à utopia de um mundo melhor naquele momento.

53. A memória e vivência colonial na obra *Percursos (do Luachimo ao Luena)* de Wanda Ramos

Mariana Branco

NOVA FCSH

ORCID ID: [0000-0002-6270-4965](https://orcid.org/0000-0002-6270-4965)

A ordem colonial portuguesa, vangloriada no seio do regime antidemocrático Salazarista, foi amplamente desafiada na literatura e na ficção nacional após o 25 de abril. Neste âmbito, *Percursos*, uma obra de fragmentos mnemónicos que construiu a ficção com a História, leva o leitor por uma realidade material e metafísica de subalternidade do Outro – colonizado – em que ela, menina branca nascida em Angola e filha de um trabalhador numa posição de relativo poder na empresa na qual laborava, é remetida à esfera privada. Sendo uma obra semiautobiográfica, a autora recorre à memória para descrever os horrores do colonialismo que presenciou, tanto na infância como na vida adulta. Os tormentos vividos foram narrados sem pudor, renegando o herói – regime salazarista – e partilhando a cultura do subordinado. O distanciamento da cultura dominante é um ponto de partida para a análise de uma época histórica marcada pelo falhanço completo da colonização portuguesa. O herói de *Percursos* não existe como ser individual, mas como o processo de luta coletiva por uma África livre de exploração. Como é que a memória individual traduz a vivência coletiva? Qual a luta possível com a palavra? A obra de Wanda Ramos responde a estas questões fulcrais.

54. *O Diário da Revolução*: a narrativa performática de Maria Isabel Silveira (1880 – 1965)

Mariana Dinis Mendes

FFCH-USP

ORCID ID: [0000-0003-0796-2627](https://orcid.org/0000-0003-0796-2627)

A pesquisa de doutorado em curso analisa os 62 diários da memorialista Maria Isabel Silveira (1880-1965), escritos entre 1908 e 1965. Casada com o escritor Valdomiro Silveira (1873–1941), cujo acervo foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), em 2006, Maria Isabel Silveira, com rigor, escreveu sobre si e, consequentemente, sobre sua época. Seus diários são movidos pelos acontecimentos e pelas ações da memorialista. A voz que ecoa das páginas é comedida e ilumina a posição social, a ideologia dominante e os papéis esperados de uma mulher de sua classe social – a burguesia que emerge na virada do século XIX para o XX, em cidades como São Paulo e Santos, marcadas pela crescente urbanização e pelos novos hábitos de consumos. Observa-se uma *performance* autoral como estratégia representacional. A utilização de códigos quando quer registrar e simultaneamente esconder se torna uma estratégia. Na linguagem cifrada da escritora encontra-se o termo “política” utilizado para designar o período menstrual. A associação do termo com o estado fisiológico é um convite para analisar os diários como arquivo do feminismo. O conceito de

performatividade de gênero, desenvolvido por Judith Butler, revela a linguagem como “ato constitutivo da experiência subjetiva.”

55. “Você tem todos os dentes?” – Uma reflexão sobre a persistência do pensamento escravocrata presente no discurso brasileiro contemporâneo

Maxçuny Alves Neves da Silva

Centro de Ensino Unificado do DF (UDF)

ORCID ID: [0000-0002-4559-6392](https://orcid.org/0000-0002-4559-6392)

O presente estudo busca verificar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, como o discurso literário denuncia as violências raciais sofridas pelo povo negro no Brasil. Destarte, analisar-se-á a obra *Caixa Preta* (2023) de Cristiane Sobral (poeta, contista e dramaturga da cena brasiliense contemporânea), buscando verificar como seus contos exprimem memórias e resistências da voz feminina negra no Brasil pós-colonial. Dessa forma, a investigação buscará mostrar como o pensamento escravocrata se encontra entranhado nos discursos hegemônicos, transformando o racismo brasileiro em uma forma sutil e, ao mesmo tempo, grotesca desse resquício de colonialidade o qual se perpetua sob a égide do mito da democracia racial. Assim, buscar-se-á identificar, na obra de Sobral, as marcas dessa voz que denuncia resquícios do pensamento escravocrata na dinâmica da vida contemporânea brasileira. Para tanto, o aporte teórico básico se fundamentará em autores brasileiros que repensem o mito da democracia racial em uma perspectiva decolonial (Sueli Carneiro, Neusa Santos Souza, Cuti, Sérgio Buarque de Holanda e Ailton Krenak, dentre outros) sem, contudo, prescindir da teoria decolonial de Franz Fanon, Homi Bhabha e Aníbal Quijano dentre outros.

56. A violência de gênero na literatura colonial portuguesa: breves reflexões

Melquisedeque Muniz de Melo

CEComp, FLUL

ORCID ID: [0009-0001-3144-4099](https://orcid.org/0009-0001-3144-4099)

A literatura colonial portuguesa durante muito tempo esteve relegada ao esquecimento, e muitas das suas produções ainda não são conhecidas pelo público leitor na atualidade, assim como pelo meio acadêmico. Desse modo, a presente comunicação pretende refletir sobre a produção literária colonial portuguesa, tendo em vista que na sua época de edição essas obras tiveram grande sucesso em meio ao leitorado em Portugal. Com isso, pretendemos direcionar o nosso olhar para a violência de gênero que ocorre nos romances da época, sobretudo quando os atos violentos são direcionados para a mulher negra, que sofre um duplo processo de violência, segundo Spivak. Além disso, notamos que as personagens femininas negras sofrem um duplo processo de colonização, tendo em vista sofrerem os processos de violências devido a cor da pele, assim como os homens negros africanos, e também os meandros da condição feminina, tanto ao nível da ideologia colonial quanto dos ditames da tradição. Para auxiliar as nossas reflexões, vamos recorrer ao pensamento de Gayatri Chakravorty Spivak (1988), Grada Kilomba

(2008), Inocência Mata (1998, 2010, 2018), Francisco Noa (2002) e Pires Laranjeira (1998), dentre outros estudiosos, buscando entender como a literatura serviu como uma das encenações da violência de gênero no período colonial.

57. *Slams* de poesia no feminino: rimas dos PALOP

Miriane Peregrino

FAPERJ/ PPGCL/UFRJ

ORCID ID: [0000-0002-4410-347X](https://orcid.org/0000-0002-4410-347X)

Angola e Moçambique destacam-se com iniciativas locais de estímulo à participação de mulheres nos eventos de *poetry slam*, respectivamente, “Muhatu batalha feminina de spoken word” e “Muthiana Slam”, mas os demais PALOP não possuem eventos de *slam* com este recorte. No caso de Cabo Verde, encontramos registros de campeonato realizado com o tema “gênero” apenas no mês de março e com participação ampla – poetas homens e mulheres. Levando em conta os poucos registros de mulheres poetas não só nas competições de *poetry slam* mas nas literaturas nacionais dos PALOP, o sucesso, e também os desafios, das experiências das competições Muhatu (Angola) e Muthiana (Moçambique) - ambas as palavras significam “mulher” em línguas locais - confirmam a importância de se ter espaços de formação e participação exclusivamente para mulheres nesses territórios, visto que se tornam locais de acolhimento e confiança para discussão de realidades e subjetividades femininas, culminando em produção poética oriunda diretamente dessas vozes. Esta comunicação aborda as dinâmicas que envolvem a formação de coletivos de mulheres poetas nos PALOP entre 2017 e 2023 e tem como base entrevistas realizadas durante trabalho de campo.

58. Mulheres negras, corpos dissidentes e sexualidade em Conceição Evaristo e Jarid Arraes

Naylane Araújo Matos

Universidade Federal de Rondônia

ORCID ID: [0000-0003-2077-1534](https://orcid.org/0000-0003-2077-1534)

Este trabalho tem o objetivo de visibilizar e debater as relações afetivo-sexuais entre mulheres, identidade de gênero e interseccionalidade na literatura afrodiaspórica de Conceição Evaristo e Jarid Arraes, enfatizando contos das obras *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016) e *Redemoinho em dia quente* (ARRAES, 2023). Por meio dos contos “Isaltina Campo Belo” de Conceição Evaristo e “Gilete para peito” e “Voz” de Jarid Arraes, as autoras negras brasileiras, em suas Escrivências – conceito literário de identidade afro-brasileira cunhado por Conceição Evaristo (SALGUEIRO, 2020) –, representam mulheres negras que ousam transcender os limites da heterossexualidade compulsória socialmente imposta (RICH, 2010), rompendo diferentes eixos interseccionais (COLLINS; BILGE, 2021) que estruturam o projeto patriarcal heterossexual de supremacia branca (HOOKS, 2019), além de representar personagens que desestabilizam as construções engendradas dos corpos e suas identidades. A partir de bell hooks (2019), trazemos ao debate a provocadora pergunta da abolicionista Sojourner Truth, “Ain’t I a woman?”, para problematizar a construção universal da categoria mulher, sustentada em parâmetros de mulheres cis brancas heterossexuais e de classes

dominantes do Norte Global que representam os feminismos hegemônicos e que acentuam as opressões interseccionais, como raça, classe, identidade de gênero, sexualidade, dentre outras. Por meio dos contos de Conceição Evaristo e Jarid Arraes, buscamos demonstrar como a escrita de mulheres negras, em sua práxis de Escrivência, vem subvertendo discursos hegemônicos que entrecruzam e mobilizam diferentes eixos interseccionais, a fim de visibilizar narrativas que reconfiguram as representações literárias na Literatura Brasileira.

59. Writing (In)Migration: Language, Challenges, Conflicts

Noemi Alfieri

CHAM, NOVA FCSH / UAc

ORCID ID: [0000-0002-0914-273X](https://orcid.org/0000-0002-0914-273X)

The paper aims to reflect on the possibilities, limits and perspectives evoked by women writing, researching, and doing literature in Portuguese-speaking contexts. A special focus will be given to the challenges, peculiarities and conflicts originated from the condition of migration, while pointing out possible ways to overcome them and consolidate networks of trust and horizontal solidarity. We will mention the legacy of women writers who fought against colonization, often in exile, but we will also dwell on contemporary challenges, often related to political instabilities and to the condition of migration itself. To do so, we will gather contributions from immigrant women living, or who have lived, in Portugal, who have a direct relationship with writing practices and research, to understand needs, obstacles and practices of resistance.

60. *Memórias do mar aberto: Medeia conta sua história, de Consuelo de Castro, e Medeia, de Eurípides, resistência e ruptura*

Orlando Luiz de Araújo

Universidade Federal do Ceará | PPGLetras-DLE-Núcleo de Cultura Clássica

ORCID ID: [0000-0001-9886-3733](https://orcid.org/0000-0001-9886-3733)

Memória do Mar Aberto: Medeia conta sua História - obra da dramaturga mineira Consuelo de Castro (1946/2016) -, trata da ambiguidade do sentimento amoroso e da paixão devastadora que Medeia, a feiticeira da Cólquida, nutre pelo argonauta Jasão. Na reescritura de Consuelo de Castro, a pompa bárbara e a nobreza argiva da tragédia de Eurípides dão lugar ao lixo, na praia, e ao terreno baldio. Nesse cenário inóspito, em primeiro plano estão o cais do porto, onde se vê, abandonada, o casco da Nave de Argo e a sala do trono de Creonte. Em Eurípides, o barco (σκάφος, v.1), e sua construção, é a representação dos infortúnios de Medeia; pois se nunca tivesse zarpado (διαπτάσθαι, v.1) rumo à Cólquida, a princesa bárbara jamais teria se apaixonado pelo argonauta e ido à terra grega, após trair o pai e os irmãos, entregando a Jasão o toso de ouro. O barco, que em Eurípides movimenta o enredo da tragédia, encontra-se, na obra de Consuelo de Castro, ancorado - em um canto qualquer do mundo -, abrigando vidas infelizes e devastadas por Eros. Nesta comunicação, analisamos o amor e a paixão, na *Medeia* euripidiana, reconstruídos como elementos responsáveis pelo abandono de si e pela

dimensão trágica do humano no drama de Consuelo de Castro, constructos que figuram, na peça, como resistência e ruptura.

61. O som da violência doméstica em contos lusófonos escritos por mulheres

Patrícia Martinho Ferreira

Brown University

ORCID ID: [0000-0003-0311-2027](https://orcid.org/0000-0003-0311-2027)

Esta comunicação visa explorar as interseções entre literatura e som e, mais particularmente, de que forma o som e o silêncio transmitem, mas também desafiam, os valores do patriarcado na ficção lusófona escrita por mulheres. Partindo dos estudos de som (Snaith, 2020; Sterne, 2012), a seguinte questão orienta a análise textual que proponho fazer: Como é que a auralidade - o que é ouvido e/ou o que não é ouvido - nos ajuda a compreender os pontos cegos das sociedades lusófonas no que diz respeito à violência doméstica? Farei uma análise de contos de várias épocas e proveniências geográficas – “A avó Cândida” (1959) de Maria Judite de Carvalho, “A língua do P” (1974) de Clarice Lispector, “A Oportunidade do Grito” e “Foram as Dores que o Mataram” (1994) de Dina Salústio, “Marido” (1998) de Lídia Jorge e “Bichos” (2014) de Flora Ernesto – para perceber como são abordadas as relações interpessoais, a condição das mulheres, a violência doméstica, as atitudes e os comportamentos sociais atribuídos aos diferentes géneros, o conceito de família e a (in)dependência económica e sexual das mulheres.

62. À distância: o “terceiro espaço” e todos os outros espaços em *As Telefones*, de Djaimilia Pereira de Almeida

Paulina Junko

Universidade de Varsóvia

ORCID ID: [0000-0002-7947-3980](https://orcid.org/0000-0002-7947-3980)

Djaimilia Pereira de Almeida é uma das mais interessantes escritoras contemporâneas de língua portuguesa. Na sua obra, mistura elementos autobiográficos, fictícios e ensaísticos, construindo o seu próprio projeto literário. Em *As Telefones* (2020), a escritora descreve uma relação familiar que é possível só através de telefonemas que são, segundo a anotação na contracapa do livro, “o género literário da diáspora”. É à distância que se constroem não só os afetos, mas também as identidades. A mãe, que vive em Angola, a filha, em Portugal. Mas ambas parecem ocupar, pelos menos emocionalmente, outros espaços ao mesmo tempo. Fugindo a classificações literárias claras (literatura portuguesa? africana? afrodescendente? da diáspora?), Djaimilia Pereira de Almeida mostra a complexidade das identidades igualmente inclassificáveis. A comunicação visa analisar o livro *As Telefones* no contexto de outras obras da autora, à luz do conceito do “terceiro espaço”, de Homi Bhabha (1994). Podem os espaços que ocupam as personagens de Almeida ser classificados como o terceiro espaço do Bhabha ou será que a literatura da autora escapa às categorias pós-coloniais?

63. A mulher brasileira imigrante em Portugal: um olhar com enfoque na interseccionalidade

Priscila Turra

NOVA FCSH

ORCID ID: [0009-0005-3970-590X](https://orcid.org/0009-0005-3970-590X)

A comunicação tem por objetivo refletir sobre a realidade das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, a partir da obra literária *Morte às Vassouras* (2022), da escritora brasileira Cláudia Canto. Literatura marginal e autobiográfica, o livro é a publicação do diário da autora, com os registros das experiências que ela viveu no trabalho doméstico em Portugal, em regime interno, e mostra como a escrita clandestina foi uma forma de salvação. A comunicação explicitará, ainda, os elementos interseccionados que constituem a realidade de injustiça social experimentada pelas brasileiras imigrantes em Portugal. Para tanto, busca no feminismo decolonial o campo de reflexões acerca da alteridade e da colonialidade de gênero, tendo a interseccionalidade como ferramenta de análise crítica. A experiência da autora Cláudia Canto evidencia as múltiplas facetas de discriminação, de opressão e de segregação que operam na experiência de ser mulher brasileira imigrante em Portugal, tais como: gênero, sexualidade, colonialidade, etnia, cor da pele, classe social, religião, nacionalidade, estrutura sociopolítica, contexto histórico, entre outros. O feminismo que busca soluções sociais deve compreender todos os elementos de opressão que constituem determinado eixo de dominação social e a obra referenciada permite a visualização das dimensões interseccionadas no contexto de gênero que a mulher brasileira vivencia em Portugal.

64. Entre perdas e buscas: o retorno à “Mãe África” nas escritas de Yara Nakahanda Monteiro e Djaimilia Pereira de Almeida

Rafaella Teotônio

Universidade de Pernambuco (UPE - Campus Mata Norte)

ORCID ID: [0000-0001-5587-4256](https://orcid.org/0000-0001-5587-4256)

Em *Perder a Mãe: uma trajetória pela rota atlântica da escravidão*, a escritora estadunidense Saidiya Hartman (2021) reflete sobre como a África converteu-se, para muitos, em uma terra-mãe. Nas narrativas de autoras da chamada cena *afropolitana* na Literatura Portuguesa, o tema do retorno à África revela a busca por identidades que foram fragmentadas ou apagadas pelo colonialismo português. Nas obras de Yara Nakahanda Monteiro e Djaimilia Pereira de Almeida, a viagem à África revela uma busca por compreender as suas identidades, inseridas no *entre-lugar*, entre Angola e Portugal. Utilizando como recurso as próprias memórias, essas autoras refazem experiências vividas pelos seus próprios corpos, já que, como refletiu Leda Maria Martins (2022) e Beatriz Nascimento (2006) o corpo é memória, documento. Nesse sentido, o retorno mitifica a experiência em torno da terra-mãe, a “Mãe África”, que, nas narrativas dessas autoras, torna-se tanto o lugar do encontro como da perda de suas heranças africanas. Proponho um diálogo entre as escritoras portuguesas Djaimilia Pereira de Almeida e Yara Nakahanda Monteiro, com a escritora Saidiya Hartman, para entender como essas

autoras empreendem a viagem de retorno à África enquanto reescrita da história da colonização e como processo de elaboração de suas identidades enquanto mulheres negras.

65. Identidades transdiaspóricas – Vozes literárias das escritoras africanas e afrodescendentes na Península Ibérica

Renata Diaz-Szmidt

Universidade de Varsóvia

ORCID ID: [0000-0003-4150-8946](https://orcid.org/0000-0003-4150-8946)

O objetivo da nossa comunicação é reflexionar na ótica da *transidade* (tal como proposta por José Endoença Martins, 2021), com a ênfase nas noções de transculturalidade, transdiaporidade e transnacionalidade sobre a condição identitária das escritoras negras africanas e das escritoras afrodescendentes que vivem e escrevem na Península Ibérica. Propomos uma leitura comparada das obras de três escritoras da CPLP: a escritora luso-angolana Djaimilia Pereira de Almeida (*O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo*, 2022), a escritora equato-guineense Remei Sipi Mayo (*Mujeres africanas. Más allá del tópico de la jovialidad*, 2018) e da escritora hispano-guineense Lucía Mbomío (*Hija del camino*, 2019). O que nos interessa, além da complicada e complexa questão identitária (que analisaremos desenvolvendo reflexões tanto sobre os elementos metaliterários incluídos nos textos das escritoras mencionadas, como também sobre os aspetos extraliterários), é o papel dos textos literários que lhes atribuem as suas autoras. Deste modo, pretendemos debater a questão da posição das escritoras, residentes em Portugal e em Espanha, no mercado do livro ibérico e global, bem como ouvir as vozes delas sobre a sua condição identitária e racial nas sociedades em que vivem. Finalmente, propomos inscrever a perspetiva delas na perspetiva mais ampla debatida por outros/as autores/as diaspóricos/as africanos/as na Europa e no que chamamos o mundo ocidental (M. Mbougarr Sarr, D. Ndongo Bidyogo, A. Mabanckou).

66. Representatividade feminina na literatura de cordel: entre musas e autoras

Sabrinne Cordeiro Barbosa da Silva

Universidade Autónoma de Lisboa

ORCID ID: [0000-0003-3464-9249](https://orcid.org/0000-0003-3464-9249)

Ao analisar as temáticas na literatura de cordel brasileira, de uma forma geral, encontramos figuras femininas como musas de tais obras, colocadas em papéis tanto de protagonismo como de secundárias. Na sua grande maioria, estão posicionadas mediante determinados arquétipos que, por vezes, remetem à matriz religiosa, sendo traduzidas antes por Madalenas, Evas ou Marias (simbolizando papéis de meretriz, infiel, mãe, esposa pura e bondosa). O que vemos também são histórias que revelam a construção dos papéis sociais da mulher segundo uma perspetiva patriarcal: “O homem fala sobre a mulher, pensando falar por ela. Descreve os seus sentimentos, pensando descrever os dela. Imprime, enfim, o seu discurso masculino (muitas vezes machista) sobre o silêncio feminino” (SANT’ANNA, 1985,). Nesta comunicação proponho uma investigação que

possa aliar a arte da literatura de cordel com a teoria feminista, decompondo o alicerce de estereótipos sobre a mulher num estudo que nos leva às teorias historiográficas feministas. Pretendo também ressaltar a presença das mulheres na cultura cordelista, através de registos e realizados por mulheres ao longo do século XX, evidenciando a sua representatividade e desenvolvimento na área. Especificamente, no que diz respeito ao estado da arte para uma abordagem feminista, evoco nomes como Patrícia Mayayo, Mary Nash, Joan Scott, Judith Butler, que são incontornáveis para discussões que vão desde a teoria de género até à composição do universo das artes, com a participação e a representação das mulheres. Além da análise de género na perspetiva comparada entre as realidades masculinas e femininas, enquanto autores(as) da literatura de cordel, almejamos também identificar aspetos iconográficos e iconológicos da própria representação da mulher que emana destes escritos. Em primeiro momento, temos a mulher como inimiga, personificada na imagem da Eva, agora pecadora, após ser seduzida pela serpente no paraíso. A partir deste momento, o feminino simboliza o caminho para o pecado original, deslocando nossa visão para uma relação maniqueísta, ao representar o bem (ou o início dele) e o próprio mal encarnado na figura de uma mulher. Em um lado, temos o mal, com a Eva, do outro há uma “anti Eva”, a Virgem Maria, que é apresentada como um ideal inatingível para os mortais. Por fim, temos também o contraponto entre os dois extremos, Maria Madalena que, após uma vida de pecados, arrepende-se e estabelece um terceiro código imagético para o feminino, plausível entre a vida de pecado e o arrependimento. No âmbito desta investigação, tratarei também da posição das mulheres como autoras da poesia cordelista e de que forma essas mulheres são introduzidas num ambiente dominado por homens, por um conteúdo voltado para o consumo dos próprios. Veremos nomes como Rita Medera, representante da literatura de cordel de meados do século XIX, e Maria das Neves Batista Pimentel, do início do século XX.

67. Violências e Resistência em *Periferia* de Catarina Costa

Sandra Sousa

University of Central Florida

ORCID ID: [0000-0003-1571-0323](https://orcid.org/0000-0003-1571-0323)

Periferia, de Catarina Costa, emerge como um romance que proporciona uma reflexão sobre a violência dirigida às mulheres. Nesta apresentação, almejo destacar como o romance *Periferia* desmantela a “falácia eurocêntrica,” conforme expressa Enrique Dussel (1995), e desafia as estruturas patriarcais enraizadas na modernidade. Ao mesmo tempo, procuro identificar e explorar as formas de resistência intrínsecas ao romance.

68. As mãos e os olhares de mulher que mapeiam a invisibilidade pós-colonial em Djaimilia Pereira de Almeida

Sheila Khan

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / CICANT, Universidade Lusófona / Universidade do Minho

ORCID ID: [0000-0002-8391-8671](https://orcid.org/0000-0002-8391-8671)

Este é um tempo de movimentos contraditórios, humanamente falando. Enquanto me coloco no papel de afrodescendente procurando argumentar da maneira mais inteligível a minha leitura sobre a invisibilidade pós-colonial e a solidão com que muitas mulheres afrodescendentes se deparam nas suas vidas, Portugal celebra, durante 2024, os 50 anos da sua democracia. No horizonte desta comunicação, a pergunta central é: quem são estas mulheres e escritoras afrodescendentes e de que maneira as suas obras resgatam da poeira do esquecimento e de uma inércia estrutural relativamente aos Outros portugueses o sentido de uma poética da hospitalidade (Almeida, 2023) e de reconhecimento histórico? A partir da obra de Djaimilia Pereira de Almeida, sobretudo, *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018) e *Maremoto* (2021), procuro criticamente pensar a relevância da produção de conhecimento pela arte para analisar o que é, na atualidade, a democracia portuguesa a partir da mão e do olhar que mapeiam a invisibilidade e a solidão pós-coloniais.

69. Vozes decoloniais: Memória e resistência na poesia de Conceição Evaristo e Roberta Tavares

Silvana Maria Pantoja dos Santos

UEMA/UESPI

ORCID ID: [0000-0002-1107-1336](https://orcid.org/0000-0002-1107-1336)

Elen Karla Sousa da Silva

UFAM

ORCID ID: [0000-0003-3304-1469](https://orcid.org/0000-0003-3304-1469)

Propõe-se analisar *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo e *Mulheres de fogo* de Roberta Tavares, no sentido de entender como as vozes poéticas se insurgem e ressignificam a identidade racial, promovendo uma virada decolonial, face aos discursos hegemônicos. É importante discutir a poesia negra brasileira como resposta epistêmica ao projeto eurocêntrico colonial. As vozes dessas autoras insurgem-se contra o racismo, o patriarcado e o apagamento de suas origens étnico-raciais. Revelam como a literatura negra representa uma outra poética que não se submete a uma literatura considerada canônica porque tem o seu próprio cânone e suas próprias regras. Nesse sentido, o presente ressignifica o passado e materializa o eco feminino, desejado desde a ancestralidade, cujas vozes se impõem e se tornam audíveis, tornando-se condutoras de liberdade que, por sua vez, disseminam-se por gerações futuras. O trabalho fundamenta-se na visão de Spivak (2010), Duarte (2011), Lugones (2008), Segato (2018) e Ricoeur (2007), entre outros. Esta reflexão se propõe a pensar sobre as rasuras formadoras de um discurso estético-político, marcado por questões étnico-raciais que

revelam o lugar de pertencimento dessas escritoras, cujas produções poéticas possibilitam pensar sobre o pensamento decolonial enquanto enfrentamento, convocando uma transformação política e social.

70. Mulherio das Letras: Vozes e memórias em profusão

Susan de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID ID: [0000-0002-1869-1511](https://orcid.org/0000-0002-1869-1511)

Mulherio das Letras é um coletivo feminista literário que “atua através da arte da palavra”, conforme a descrição do grupo no Instagram. Criado nas redes sociais, em 2017, por iniciativa da escritora Maria Valéria Rezende, o Mulherio das Letras produziu três coletâneas de livros de contos e poesias, totalizando sessenta e nove títulos, publicados pela Editora periférica e independente Venas Abiertas, criada pela escritora Karine Bassi, em Belo Horizonte. O projeto editorial do Mulherio das Letras reuniu diferentes gerações de mulheres, radicadas em diversas periferias do território brasileiro, sendo uma das pautas de luta do Coletivo a igualdade do meio editorial. A condição periférica que, na maioria dos casos, é definida também pelo racismo estrutural, atinge sobretudo mulheres migrantes, negras e indígenas. Pretende-se apresentar, a partir das nossas leituras e reflexões de pesquisa, as convergências estruturantes de tal condição, bem como as transversalidades e interseccionalidades narrativas dessa profusão de vozes, experiências de vida e de escrita presentes nas três coletâneas do Mulherio das Letras e a sua cartografia de memórias.

71. *cabelo que convenha à minha alma* — Maria Velho da Costa e o significa[n]te] do corpo desmanchado

Susana Vieira

IELT (NOVA FCSH) / CLEPUL

ORCID ID: [0000-0002-2445-1215](https://orcid.org/0000-0002-2445-1215)

Desmancha a parábola como desmancha o corpo, o que não tem nome — *caligrafia desmanchada*, espécie que, deslegitimada da sua existência, permanece à distância, irreconhecível pelo campo visual e narrativo normativo. Como uma falha e medo, a que se seguirá o apagamento, este corpo-texto transgride a memória e ilude qualquer projeto de construção identitária. Ele incomoda porque provoca a insegurança e impiedade, que estão no começo de tudo. E, como qualquer começo, é um lugar de desajustamento onde o dizer não se diz. (“Pérola e os porcos”, *Dores*, 1994). É esse exercício que, desde Antígona até ao torpor de Narciso e à condenação de Eco, passando pelo *Sermão da Montanha*, nos expõe à impureza e ao perigo e diz, sem nada dizer, da experiência inversa e constituinte. A partir deste texto de MVC e do corpo nele sufocado, porque indesejado — “quem não tem assento que caiba à mesa da casta que lhe coube, ou cai de borco ou fica em pé no chão dos deserdados” (*Dores*, 1994) —, esboçam-se *representações de violência e silêncio* de quem é posto a “Conter-se. Desandando a apalpar os dias, desacertos, um por um, à contra-receita” (*Desescrita*, 1973). Críticos, como Bastos, Dadoun, Gago ou hooks, serão mencionados, mas quero aqui destacar Federici e o seu capítulo sobre “o corpo progressivamente politizado, desnaturalizado e redefinido como

o “outro”, o objeto limite da disciplina social [...] o nascimento do corpo [...] também marcou seu fim, uma vez que [...] se tornaria [...] um significante das [...] fronteiras movediças [...] da exploração humana” (*Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, 2017).

72. Identidade e desenraizamento em *O Canto da Moreia*, de Luísa Semedo

Susete Albino

CHAM, NOVA FCSH / UAc

ORCID ID: [0000-0001-5765-1857](https://orcid.org/0000-0001-5765-1857)

O Canto da Moreia proporciona-nos uma reflexão incisiva sobre a realidade pós-colonial e a ambiguidade identitária vivida pelas comunidades diaspóricas em Portugal, a partir da experienciação do desencanto, da perda, do silenciamento, da solidão e da morte. A narrativa é conduzida por Eugénio, um imigrante cabo-verdiano que partilha as suas memórias pessoais e familiares. Órfão de mãe e pai, o narrador e protagonista vem para Portugal ainda jovem, trazendo na mala muitos sonhos e a ambição de estudar na universidade. As suas aspirações são, no entanto, rapidamente derrotadas pela necessidade de trabalhar para sobreviver. Também a sua naturalização e o seu casamento com uma portuguesa branca não lhe oferecem o sentimento de pertença almejado. A dupla experienciação da separação da família, aliada à violência doméstica motivada pelo alcoolismo em que mergulha, conduzem-no à condição de sem-abrigo estrangeiro. Relegado para a margem, rende-se à evidência de que “raramente a vida é como nos livros e os livros como a vida” (SEMEDO, 2019, p.29). Esta comunicação discute como o texto de Luísa Semedo problematiza a identidade e o desenraizamento no espaço pós-colonial português.

73. Literatura, mulheres, memórias e imaginários

Teresa Manjate

Universidade Eduardo Mondlane / Centro de Estudos Africanos

ORCID ID: [0000-0003-0989-6504](https://orcid.org/0000-0003-0989-6504)

Os conceitos memória e imaginário na literatura são complexos e interligam-se com outros, como ideologia e representação social, com implicações que merecem atenção interdisciplinar. A comunicação pretende analisar obras de duas escritoras: da moçambicana Paulina Chiziane, *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) e da portuguesa Lídia Jorge *A Costa de Marmúrios* (1988), adaptada para o cinema por Margarida Cardoso (2004). A motivação para a selecção destas duas obras reside no facto de ambas terem como palco Moçambique, com referências ao período colonial. As duas escritoras são mulheres-sujeitos com vontade e capacidade de afirmação em sociedades marcadamente patriarcais. A partir das suas vivências, das histórias dos lugares (países) onde nasceram e cresceram, têm os seus imaginários e, por isso, no processo de escrita, de representação, inscrevem visões do mundo particulares. A metodologia adaptada é comparada, tendo como base as teorias de memórias de Michael Pollak (1898,1992), Pierre Nora (1984), Jacques Le Goff (1990) e do imaginário através de Carlos Serbena (2003), Gilbert Durand (1996, 2004). O texto pretende fazer uma leitura das duas obras

tendo em conta que as escritoras são mulheres com experiências distintas, com características próprias, configurando perspectivas diferenciadas.

74. “Irmã(s), a nossa conversa é longa”: laços de resistência e memória na poesia de Alda do Espírito Santo e Lubi Prates

Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos

FASESP/ USP

ORCID ID: [0000-0002-3848-2215](https://orcid.org/0000-0002-3848-2215)

Beatriz Moraes de Abreu

ESCH/ FASESP

ORCID ID: [0000-0002-2726-2268](https://orcid.org/0000-0002-2726-2268)

A são-tomense Alda do Espírito Santo e a brasileira Lubi Prates trazem em sua poesia um testemunho do que é ser uma mulher negra em um contexto pós-colonial, em busca de um pensamento decolonial e libertador. Observadas as especificidades e diferenças geográficas e históricas em que as obras das duas autoras surgiram, este trabalho busca mostrar como as poetisas utilizam e ressignificam os conceitos de resistência e memória em sua obra poética de forma atrelada à busca por um diálogo constante com o leitor, conversa essa que estabelece raízes históricas, chama à reflexão e escancara vigorosamente desmandos, sob sustentação de uma forma poética que favorece a rendição do leitor. Elegemos, como objeto de análise, o poema “Às mulheres da minha terra”, de Espírito Santo, e trechos da obra *Um corpo negro*, de Prates. Como aporte teórico, Evaristo é uma importante referência a respeito da escrevivência da mulher negra, assim como Showalter sintetiza as fases que mulheres escritoras percorreram até à contemporaneidade. Respeitadas as diferenças e as ligações entre as realidades de África e Brasil, analisa-se como se entrelaçam na obra poética das autoras os conceitos da decolonialidade e a perspectiva da mulher negra, de acordo com as reflexões de González.

75. A morte na raiz do lirismo: a função ritualista da voz poética de Conceição Lima

Vera Borges

Universidade da Cidade de Macau

ORCID ID: [0000-0003-3893-7360](https://orcid.org/0000-0003-3893-7360)

Mata entende a insistência no tema da roça em Conceição Lima como uma manifestação de um dos demónios que a assombra. Na obra da escritora são-tomense assumir-se-ia a necessidade de “historiar” a existência do país, suprimindo uma lacuna no terreno da produção historiográfica. Na verdade, toda uma epistemologia (afrocentrada) foi inviabilizada pela deriva do pensamento ocidental que se consolida no período atlântico (nos alvares da modernidade), resultando na supressão ontológica do africano, ou na imposição de uma ontologia segunda, “disparates e alucinações” urdidos pelo Ocidente por razões de ordem económica (MBEMBE, 2017). Instituído essa supressão a necessidade de uma reparação, a poesia que a partir de África se faz reflete sobre uma

origem africana mítica, a denúncia da história colonial, a procura de uma genealogia. Será inevitável a revisitação do passado mais recente que fez da geografia “estrada de escravatura” (TENREIRO). Na paisagem da poesia, também pranto, de Lima, os mortos reclamam aos vivos testemunho e tributo. Concentrar-nos-emos nessa evocação recorrente dos “escravos mortos” que respiram (ainda) “em cada cafeeiro”, perguntando-nos: dada a função imemorial que cabia às mulheres, de conduzirem o pranto elegíaco que libertaria a comunidade da sombra da morte que a enluta, o que reclamam os mortos ou fantasmas de Conceição Lima, que a levaram a reencenar em 2021 o drama do massacre de Batepá?

76. Invisibilização, anti-ciganismo e ativismo: a literatura romani (cigana) escrita por mulheres

Voria Stefanovsky (Ana Paula Castello Branco Soria)

Investigadora Independente

ORCID ID: [0000-0001-5624-4248](https://orcid.org/0000-0001-5624-4248)

A literatura romani surgiu na década de 1920 na antiga União Soviética, emergiu como uma literatura política e engajada unida à proposta transformadora de um ativismo nascente. A língua romani, até então ágrafa, foi sistematizada à escrita na sua variação dialetal russa, e a maioria dos roma (ciganos) soviéticos foi alfabetizada. No período de uma década, estima-se que foram publicados mais de 500 livros. Os poucos intelectuais roma existentes naquele momento conseguiram driblar a proposta política de eliminação da cultura romani. Evitaram à assimilação forçada que visava a homogeneização de todos os grupos étnicos não enquadrados como minorias nacionais. Atualmente, é uma literatura transnacional, produzida em diferentes países e escrita em distintos gêneros. Mantêm a característica de resistência e se mostra sintonizada com o ativismo. As escritoras são geralmente ativistas e trazem em sua escrita denúncias sociais relacionadas ao anticiganismo/romafobia de gênero e aos diferentes matizes desse racismo na atualidade. Nesta comunicação, propõe-se dialogar com textos representativos de escritoras de origem romani, com foco no racismo direcionado às mulheres, nomeadamente mulheres ciganas portuguesas e brasileiras, e em suas estratégias de resistência, além de promover uma aproximação a esta literatura, entendida como uma escrita altamente periférica, com dificuldades extremas de inclusão no mercado editorial.